

Rosana Maria Pontelo Bahia

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A LITERATURA
INFANTIL NA FORMAÇÃO DE LEITORES NA
ESCOLA**

Brasília

2017

Rosana Maria Pontelo Bahia

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A LITERATURA INFANTIL NA
FORMAÇÃO DE LEITORES NA ESCOLA**

Trabalho de Final de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação da Professora Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire.

Brasília

2017

Monografia de autoria de Rosana Maria Pontelo Bahia, intitulada “Contação de histórias e a literatura infantil na formação de leitores na escola”, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia da Universidade Brasília, em 07/07/2017, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinalada:

Professora Dr^a. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire – Orientadora
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

Professora Dr^a. Maria Emília Gonzaga De Souza – Examinadora
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

Professora Dr^a. Vera Aparecida de Lucas Freitas – Examinadora
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

Professora Ms. Ana Cecília Ferreira Amorim – Examinadora
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

Dedico este trabalho à minha mãe que sempre foi amor, força e coragem para mim. Ao Jorge, pelo amor, compreensão, companheirismo e carinho. Ao meu maior tesouro, meus filhos Victor e Arthur, pelo amor incondicional, pela compreensão, amizade e carinho. Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me deu a saúde, força e sabedoria para chegar até aqui. Ao meu querido pai, Sr. Albino Pontelo, pelo grande exemplo de honestidade, simplicidade, sabedoria e coragem. À minha querida mãezinha, Dona Geny, pelo amor e por ter me ensinado que sempre vale a pena ir em busca dos nossos sonhos, o meu maior exemplo de determinação, força, honestidade, fé e coragem. Ao meu amor Jorge, pelo amor, companheirismo, amizade, compreensão, força e pela família linda que construímos juntos. Obrigada! Você é o meu porto seguro, te amo para sempre! Aos meus maravilhosos filhos, Victor e Arthur, por me ensinarem tanto a cada dia, pelo amor incondicional, compreensão, carinho e alegria que vocês trazem para a minha vida. Vocês são os presentes mais preciosos que eu poderia ganhar de Deus! Muito obrigada por me fazerem tão feliz! Aos meus queridos irmãos e irmãs, pelo amor, força, amizade e pelo que cada um(a) representa na minha vida. Eu não saberia viver sem essas pessoinhas lindas que são bem mais que especiais para mim! Amo vocês! A todos os meus sobrinhos e sobrinhas, pela inspiração, estímulo, amizade e carinho. Vocês moram no meu coração! A minha querida amiga/irmã, Tia “Sumara”, que esteve do meu lado em todos os momentos me apoiando e me mostrando o lado bom de tudo. Você é 10!

À minha querida orientadora e professora Sandra Ferraz, que foi essencial para a produção deste trabalho e minha formação acadêmica, um grande exemplo de mestria, competência, habilidade e amabilidade. Maravilhosa!

À Professora Vera Freitas, pelo aprendizado, sabedoria e carinho. Os seus ensinamentos foram muito além do que estava previsto no currículo. Para mim você é uma inspiração e um grande exemplo de vida!

À Professora Maria Emília, pelo aprendizado, incentivo de sempre, atenção e carinho e também pela oportunidade do PIBID. Obrigada pelo grande exemplo de profissionalismo e competência!

À Marília Mourão, por ter me ensinado tanto na prática docente, por ter sido para mim muito mais que uma supervisora, pela amizade e pelo carinho. Você é uma pessoa sensacional!

À Marta Caldas e à equipe da Escola Classe 115 Norte, por terem me apoiado, me ajudado e dado condições para desenvolver o projeto com autonomia e segurança. Obrigada!

A todos que convivi no PIBID da Pedagogia - UnB, em especial às Professoras Maria Emília, Solange Alves, Ireuda e às minhas queridas parceiras de trabalho. O meu muito obrigada a todas vocês que foram fundamentais nesse processo de crescimento. Obrigada pela força e pelo carinho constante. Vocês estarão sempre no meu coração!

A todos os funcionários e amigos da UnB. Sentirei muito a falta de vocês!

A todos que me incentivaram, que me deram força e coragem para continuar em frente e que me fizeram acreditar que sou capaz!

Enfim, quero agradecer a todos que, de alguma forma, fazem e/ou fizeram parte da minha história, que participaram dessa minha caminhada. Muito obrigada!

Que Deus abençoe todos vocês hoje e sempre!

*Ensinar é um exercício de imortalidade.
De alguma forma continuamos a viver
naqueles cujos olhos aprenderam a ver
o mundo pela magia da nossa palavra.
O professor assim, não morre jamais.*

Rubem Alves

RESUMO

A contação de história e a literatura infantil são fontes inesgotáveis para o universo narrativo e imaginativo da criança, mas que nem sempre fazem parte do cotidiano escolar de crianças em processo de letramento. A presente monografia relata um trabalho pedagógico interventivo que se transformou em uma pesquisa vivencial mobilizada pelo seguinte questionamento: qual é a importância da contação de histórias e da literatura infantil no desenvolvimento e formação de leitores e no processo escolar nos anos iniciais da escolarização formal? Objetivou-se analisar qualitativamente as contribuições das histórias contadas e lidas no desenvolvimento infantil, como um subsídio para o processo escolar, bem como relacionar a experiência de leitura ao uso da imaginação na criação de histórias, ao gosto pela leitura, à formação de leitores e ao engajamento nas práticas escolares. A parte empírica foi desenvolvida em uma escola da rede pública do Distrito Federal, com alunos do 1º ano do Ensino Fundamental. A escolha dessa etapa foi feita por considerar que há certa ruptura na passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, quando a maioria das crianças dessa escola passam a ter os primeiros contato com práticas de leitura e escrita. Houve o período de observação das práticas pedagógicas e do cotidiano da sala de aula. Depois houve a aplicação de um questionário às famílias das crianças para investigar as práticas de contação de história e leitura em casa e, posteriormente, a implementação de dois projetos: o projeto de Contação de Histórias “Era Uma Vez...” e do projeto da “Ciranda do Livro”, com a função de aproximar as crianças e estimulá-las ao contato com a leitura. As análises das situações de contação de histórias e das práticas mediadas pelos livros infantis seguiram uma abordagem qualitativa. Por meio de observação, identificou-se indicadores de mudanças de atitudes, ampliação do interesse pelas histórias e pelas atividades relacionadas e a constatação, e demonstração da satisfação das crianças na participação nos nossos encontros. Foi possível constatar a relevância da contação de história e do contato com a literatura infantil para as crianças participantes. Tanto na comunicação verbal, como na observação das interações delas nas atividades propostas, identificou-se mudanças no uso da imaginação no processo de criação, o desenvolvimento linguístico, social e cognitivo de forma agradável e prazerosa.

Palavras-chave: Contação de história, literatura infantil, desenvolvimento infantil, formação de leitores.

ABSTRACT

This work is the result of a research and bibliographical research about the following question: what is the importance of storytelling and children's literature in children's development in the training of readers and in the school process of children? Based on this question, the objective was to analyze qualitatively about the contributions of children's literature in the child's development and how as a subsidy in their school process, as well as relate these factors with the stimulation of imagination and creativity, the taste for reading, the formation of readers and school success. The empirical part was developed in a public school in the Federal District, with students from the first year of Elementary School. The choice of this stage was made considering that there is a certain rupture in the transition from Early Childhood Education to Elementary School. There was a period of observation of the pedagogical practices of the teacher and the daily life of the classroom. Then a questionnaire was applied to the families of the children and, later, the idealization of the Project of Storytelling "Once upon a time ..." and the project of "Book Circle", with the purpose of bringing children together and stimulating them to contact with reading. The evaluation and analysis of the research processes were elaborated within a qualitative and descriptive approach, through observation of changes in attitudes, broadening interest in stories and related activities, and finding satisfaction of children in our meetings. Through this research it was possible to verify the relevance of storytelling and contact with children's literature, as they can provide different experiences, favoring imagination, linguistic, social and cognitive development in a pleasant and pleasant way.

Key-words: Storytelling, children's literature, child development, reader training.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
I PARTE – MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO	
É preciso caminhar e enfrentar sempre os desafios!.....	12
II PARTE – MONOGRAFIA	
INTRODUÇÃO	18
Capítulo 1. CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: DA LÍNGUA FALADA À LEITURA DA FALA	
1.1 Narrativa e imaginação para a criança	20
1.2 Desenvolvimento Infantil e Processos Escolares	22
1.2.1 Contribuições de S. Freud	23
1.2.2 Contribuições de Piaget.....	25
1.2.3 Contribuições de H.Wallon	27
1.2.4 Contribuições de Vigotski.....	28
1.2.5 Contribuições de H. Gardner.....	30
1.3 Da contação de história à literatura infantil.....	30
1.4 Literatura e Desenvolvimento Infantil	34
Capítulo 2. METODOLOGIA	
2.1 Abordagem de pesquisa	39
2.2 Contexto	39
2.3 Sujeitos participantes da pesquisa	41
2.4 Procedimentos e instrumentos do trabalho empírico.....	41
2.4.1 Observação	41
2.4.2 Questionário	42
2.4.3 O Projeto “Era uma vez...”	45
2.4.4 Sobre o Projeto da Ciranda do Livro.....	46
Capítulo 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	
3.1 Questionário	47
3.2 A Implementação do Projeto “Era uma vez...”	47
3.3 A participação dos alunos no projeto	55
3.4 A importância do espaço diferenciado, dos adereços e a cultura do estabelecimento das relações ambientada pela pesquisadora.....	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	61
III PARTE – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	
Faça, tente, viva, busque sempre seu melhor!	62
ANEXOS	63

APRESENTAÇÃO

Este estudo é um trabalho de conclusão de curso, resultante do caminho percorrido para a minha formação acadêmica de graduação em Pedagogia. É organizado em três partes: Memorial, Monografia e Perspectiva Profissional.

A primeira parte consiste no Memorial, construído em uma abordagem autobiográfica: corresponde à descrição da minha trajetória de vida pessoal, familiar, acadêmica e profissional e aponta elementos que nortearam os caminhos que foram percorridos até a minha chegada a esta Universidade e à escolha do tema da monografia.

A segunda parte corresponde à monografia, que é composta por três capítulos. No primeiro, constam uma discussão sobre a importância da contação de histórias e da literatura infantil na formação de leitores e no processo escolar do indivíduo, bem como os objetivos da pesquisa. No segundo capítulo, é apresentada a metodologia utilizada, que se baseia em uma abordagem qualitativa. São descritos os instrumentos de coleta de dados: observação, questionário, grupo focal e entrevistas. Há ainda a descrição da escola em que foi realizado o estudo sobre os sujeitos participantes e os procedimentos da pesquisa. Ao final, há o terceiro capítulo, em que são apresentados resultados e discussão.

A terceira parte se refere à minha perspectiva profissional, uma exposição do caminho que pretendo trilhar após a conclusão do curso de Pedagogia.

PARTE I – MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO

É PRECISO CAMINHAR E ENFRENTAR SEMPRE OS DESAFIOS!

Este memorial foi construído e desenvolvido com base na minha trajetória de vida pessoal, acadêmica e profissional, em uma abordagem autobiográfica. Relato aqui, de forma simples e cronológica, um pouco da minha vivência familiar, experiências escolares e profissionais e trajetórias de formação. Destaco fatos e acontecimentos que foram importantes na minha escolha e mudança profissional. Ressalto, também, sobre a importância das histórias e da leitura em toda a minha caminhada, o que contribuiu enormemente para a escolha do curso de Pedagogia e para o tema desta monografia.

O que me motivou na pesquisa que agora me inscrevo e a produzir esta monografia foi o fato de admirar e acreditar muito nas crianças e no poder da imaginação na infância. Vejo nelas sempre um grande e preciosíssimo potencial; como um terreno fértil que se cuidarmos, teremos bons frutos. Penso que uma criança bem amada e bem cuidada tem grandes chances de ser um adulto seguro e bem resolvido. Assim, vejo a contação de história como uma forma de carinho, amor e estímulo à criança; e isso contribui sobremaneira no processo do desenvolvimento infantil.

Contando um pouco sobre a minha origem

Sou de uma família de baixa renda e bastante numerosa. De 12 filhos, sou a 11ª. O meu pai era filho de italianos que vieram para o Brasil na época da guerra. Ele cursou apenas os anos primários, não sei bem até qual série. Sua família, também numerosa, conseguiu adquirir terras, uma fazenda, e moravam nessa área rural no interior de Minas Gerais. Quando abandonou os estudos, logo começou a trabalhar, bem jovem ainda. Ele era um homem atento a tudo do cotidiano, aos acontecimentos a sua volta, às notícias, ao mundo. Digo que ele era um homem sábio, mas sem estudo. Minha mãe era a filha mais velha, também de uma família numerosa. Sua família iniciou-se em Belo Horizonte e, depois de passar por várias cidades, foi morar num vilarejo no interior de Minas Gerais, onde conheceu o meu pai e se casou aos 17 anos de idade. Ela cursou até a quarta série. Mas sempre teve muito gosto pelo aprender, pela cultura erudita; primava muito pelo português correto, admirava músicas, danças, leituras, geografia mundial. Tinha vários sonhos em relação a isso, que não foram concretizados. Foi professora.

Tiveram 12 filhos, cinco filhos e sete filhas. A família mudou-se para a cidade de Sete Lagoas, também em Minas Gerais e tiveram uma vida muito simples, cheia de batalhas e, financeiramente, até bem restrita. O meu pai sonhava com as terras, animais, uma vida rural melhor; já a minha mãe sonhava com o estudo dos filhos e adquirir mais cultura. Essa diferença entre os dois era marcante, até conflituosa talvez.

Contando sobre a minha trajetória pessoal e escolar

Desde muito pequena, adorava as histórias que a minha mãe me contava quase todas as noites. Como já disse, éramos muitos filhos, mas só eu pedia que ela contasse histórias. Ela contava e gostava de contar; e eu amava ouvi-la. Contava histórias que aconteceram com ela em sua infância; inventava algumas; algumas poucas vezes, ela lia. Em minha casa, quase não havia livros infantis. Muitas vezes a minha mãe repetia as histórias e eu apreciava da mesma forma.

Fui para a escola com cinco anos de idade, para o “pré-primário” numa escola estadual da cidade de Sete Lagoas. Eu já tinha um gosto por aprender e pela escola, também já sabia algumas letrinhas, bem como escrever o meu nome, ensinada por uma irmã mais velha. Eu era uma criança bem retraída, introvertida e me sentia sempre inferior a todas as outras crianças. Mudei para uma escola estadual onde iniciei a primeira série; era caprichosa e gostava das tarefas de escola. A professora desse ano se destaca em minhas memórias, ela era muito carinhosa e dedicada. Aprendi a ler e continuei sempre nas primeiras turmas da escola, que eram divididas de acordo com o rendimento e aprendizagem escolar dos alunos; primeira, segunda classe e assim por diante. Nunca tive horário para estudar ou cobrança da família nesse sentido, eu já sabia da minha responsabilidade desde cedo e queria mesmo estudar “para ser alguém”. Sempre tive muita vergonha de ler em voz alta, aliás, eu tinha vergonha de tudo, até de existir. Terminei a quarta série nessa escola, mesmo com a leitura meio deficitária, hoje percebo isso. Digo “meio deficitária” porque eu lia, mas não entendia tão bem o que lia; sentia que eram textos bem distantes de mim e da minha realidade. Eu não conseguia me aprofundar muito bem nas minhas leituras.

Fui para a quinta série em outra escola estadual de Sete Lagoas. Mas, no meio desse ano, me mudei para Belo Horizonte, para morar com uma irmã casada, o seu marido e a filha recém-nascida do casal. Era praticamente uma adoção, um novo lar para mim. À época, fiquei muito esperançosa com essa mudança em minha vida, melhorar minhas

condições, já que minha família tinha condições financeiras e até emocionais bem precárias. Em agosto desse ano dei continuidade à quinta série, agora em uma escola particular, bem diferente do que eu estava acostumada, mas me adaptei muito bem. Tive algumas aulas particulares para conseguir acompanhar a nova turma. Fiquei nessa escola até a sétima série, quando tive que voltar para uma escola pública. Ficou difícil para a minha irmã e o meu cunhado arcarem com as despesas do meu estudo, apesar de eu ter uma bolsa parcial.

Aos quinze anos, queria muito cursar o curso de Magistério, que era chamado também de Normal. Entretanto, diante da minha situação em casa, ou melhor, na casa da minha irmã e do meu cunhado que não era tão boa, eu precisava muito ganhar algum dinheiro e me virar de alguma forma. Também houve pressão da minha irmã para que eu começasse logo a trabalhar. Então, tive a oportunidade de iniciar um estágio remunerado na Caixa Econômica Federal, não podia perder essa chance. Mas eu só poderia assumir o estágio se eu trocasse de curso, pois a instituição não aceitava estudantes de Magistério. Fui quase obrigada a deixar o curso que havia começado a frequentar há uma semana e passei para o científico para poder fazer o estágio e ganhar meu sustento. Comecei a trabalhar meio período na mesma agência onde minha irmã trabalhava. O meu rendimento escolar caiu muito nessa época, chegava cansada do trabalho e não conseguia tempo suficiente para me dedicar aos estudos. Também, nessa mesma época, a minha irmã e o meu cunhado voltaram atrás na minha “adoção”, não queriam que eu morasse mais com eles. Para mim esse fato foi como se tivessem me retirado o chão, fiquei totalmente sem norte, sem rumo. Fui morar numa casa de família, eram pessoas desconhecidas que me alugaram um quarto. Passei a estudar à noite e continuei com estágio durante o dia. Fiquei meio perdida o resto do ano e acabei sendo reprovada na escola, era o meu primeiro ano do ensino médio, eu tinha 16 anos.

No ano seguinte, voltei a morar na casa da minha irmã e do meu cunhado. Aos 18 anos, comecei a namorar o meu atual marido, concluí o segundo grau em escola pública e trabalhando no banco. Comecei a me preparar para o vestibular. Atualmente, vejo que a formação que tive nas escolas públicas pelas quais passei foi bastante precária. Tive que me preparar exaustivamente para o vestibular em cursinhos privados e sentia muito a minha defasagem de conhecimentos necessários para concorrer a uma vaga numa universidade, principalmente na universidade pública.

Aos 21 anos, fui morar sozinha e, nesse mesmo ano, o meu pai faleceu, ele teve câncer, foi extremamente triste vê-lo num processo terminal e depois perdê-lo. Aos 22

anos me casei, aos 23 fui mãe do meu primeiro filho, Victor. Aos 25 anos, me formei. Concluí o curso de Psicologia numa universidade privada de Belo Horizonte, graças ao crédito educativo, que era um plano do governo de financiamento educacional. Penso que toda a minha família tinha essa expectativa a meu respeito e eu também, ter uma formação em curso superior. Em 1994, iniciei um curso de especialização de Psicologia Hospitalar de três semestres, comecei a trabalhar em um hospital geral da capital mineira como psicóloga clínica.

Mais tarde, aos 28 anos, o interesse pelas ciências da saúde se tornou ainda mais forte. Decidi que queria fazer outro curso superior, agora na área da saúde. Preparei-me mais para conseguir ingressar numa universidade pública do estado. Tive muita dificuldade, novamente constatei que o meu ensino fundamental e médio foram muito precários. Mas a determinação e dedicação tiveram que ser mais fortes para conseguir realizar aquele desejo. Consegui passar no vestibular da universidade tão sonhada por mim, no curso de Enfermagem, e concluí em dezembro de 2007. Logo depois nasceu o meu segundo filho, Arthur. Escolhi me dedicar mais a ele e atrasar um pouco o meu retorno ao mundo do trabalho.

Alguns anos depois, tive que me mudar de Belo Horizonte para Brasília. O meu esposo, que é funcionário de uma instituição financeira, recebeu uma proposta melhor de mudança de cargo. Estou morando na capital federal desde fevereiro de 2014 junto com o meu marido e o filho mais novo, de nove anos, pois o outro filho de 24 anos, que é universitário do curso de Engenharia Mecânica, mora em Belo Horizonte. Os meus filhos são a maior alegria da minha vida!

Contando sobre a minha trajetória no curso de Pedagogia da UnB

Agora sou aluna da Universidade de Brasília, cursando o último semestre de Pedagogia. Ingressei nesta universidade através de uma seleção de portadores de diploma de curso superior. Preparei-me bastante para essa prova e consegui ser aprovada, o que para mim foi e é uma imensa alegria, um grande orgulho fazer parte desta instituição, uma das mais conceituadas do nosso país. Estou muito feliz com a minha escolha!

Na Faculdade de Educação, tive a oportunidade de fazer estágio no Projeto 3.1 e 3.2 de Economia Solidária. Com os colegas, atuávamos em uma comunidade carente localizada em Santa Maria, DF. Trabalhei com crianças de cinco a 13 anos, provocávamos discussão de diversos temas, como: respeito, diversidade, solidariedade, alimentação

saudável e outros; também realizávamos oficinas referentes aos temas trabalhados com sucatas, contação de histórias, jogos, esportes, gincanas, brincadeiras.

No Projeto 4.1, acompanhei professoras de 1º e 2º ano em uma escola situada no Plano Piloto. Eram duas realidades bem diferentes, duas formas quase opostas de exercer a docência, apesar de serem na mesma escola: uma professora era rigorosa e autoritária, já a outra, mais flexível e mais aberta às novidades. Essa grande diferença me proporcionou uma experiência rica e contribuiu para uma ampliação da minha visão sobre a atuação do professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental em sala de aula.

Fiz estágio pelo PIBID por um período de um ano e três meses, experiência que contou com grandes oportunidades na prática da docência. A escola de estágio era também no Plano Piloto. Lá acompanhei professores em sala de aula, em passeios com as crianças, como cinema, teatro e clube. Também tivemos a oportunidade de elaborar, implementar e executar um projeto de contação de histórias, em que cada semana confeccionávamos o material, contávamos as histórias para crianças de seis a quatorze anos, conduzíamos as oficinas e avaliávamos todo o trabalho sempre no final, pois só depois de realizado todo o processo é que podíamos ter a noção dos acertos e das melhorias a serem feitas. Esse trabalho foi extremamente enriquecedor e gratificante para mim!

Logo depois, fui transferida para outra escola, ainda pelo PIBID. Acompanhei professores em sala de aula e começamos a estudar um pouco sobre “Comunicação não violenta”. Cada escola tem as suas particularidades; esta escola vivia um momento de transição, uma reconfiguração das práticas pedagógicas, baseada na filosofia da Escola da Ponte de Portugal. Ali pude aprender bastante com essas novidades. Nessa escola, também realizei o estágio relativo ao Projeto 4.2, o estágio supervisionado obrigatório. Essa foi a experiência sobre a qual se construiu o projeto de pesquisa relatado nesta monografia.

Hoje, ao escrever este memorial, vejo o quanto caminhei, o quanto a minha trajetória foi tortuosa, não houve uma linha sequencial bem definida, penso que isso teve uma influência marcante da minha história de vida. Mas minhas vivências me conduziram às inquietações que se transformaram nesta monografia. O que sempre me intrigou foi tudo o que envolve o desenvolvimento infantil e o “ser criança”: a constituição da sua identidade do indivíduo enquanto criança, a sua “psiquê”, a sua forma de pensar, a sua imaginação, o que lhe dá prazer, o seu bem estar, a melhor forma de educação e a saúde da criança. Tudo isso sempre me causou um grande interesse e

questionamentos, o que explica um pouco sobre as minhas diversas buscas acadêmicas, mas sempre com o foco ligado à infância e aos fatores que determinam ou influenciam no desenvolvimento do indivíduo. Sempre fui bastante curiosa, desde criança, e é uma característica minha ir em busca do que reconheço como faltante em mim, em busca de uma resposta ou de algum conhecimento que amenizasse a minha inquietação. Aliado a isso e ao “saber”, sempre valorizei demasiadamente o conhecimento (herança da minha mãe) e acredito profundamente na transformação das pessoas pelo conhecimento. “Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar” (FREIRE, 1977, p.155).

Assim, hoje tenho grande orgulho de tudo que vivi, de tudo o que conquistei. Vejo o quanto valeu cada passo, cada esforço, cada dificuldade vencida, cada batalha, cada recomeço, cada “seguir em frente”. Tenho, também, plena consciência de que isso não basta, ainda é muito e é preciso continuar, é preciso bem mais para dar conta de toda complexidade que é ser um docente competente que quer fazer a diferença em sua profissão.

Apropriar-se e pensar a formação, focada nos memoriais, configura-se como fator preponderante para o entendimento das trajetórias formativas, uma vez que abordam dimensões pessoal e profissional da vida do sujeito, compreendendo as influências referentes às escolhas que são feitas no decorrer da vida. Só assim, analisando o percurso, no sentido de desvendar o profissional que nos habita, e que desejamos ser, é possível conhecer a própria historicidade e dar sentido às experiências vividas, ressignificando conhecimentos e aprendizagens experienciais (SOUZA, 2008, p.44).

PARTE II – MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO

No Brasil, lê-se muito pouco e, com o avanço das tecnologias do mundo moderno, cada vez menos as pessoas se interessam pela leitura. É preciso que as escolas e as famílias, em parceria, estimulem o hábito da leitura nas crianças para que o indivíduo aprenda a ter prazer e a valorizar o ato de ler desde pequeno. É fundamental que o trabalho docente tenha um compromisso nesse sentido. O Brasil tem 27% de sua população entre 15 e 64 anos de analfabetos funcionais, de acordo com o Inaf (Indicador de Alfabetismo Funcional), que é um levantamento realizado pelo Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa, com o apoio do Ibope que mensura o nível de alfabetismo da população brasileira dessa faixa etária. Precisamos nos ater a esse problema e combatê-lo de todas as formas, o incentivo à leitura é uma delas. Além do mais, o Brasil ainda não é um país de leitores, situação determinada por fatores de natureza social, econômica, política, histórica, cultural. Também não podemos nos esquecer que muitos professores não tiveram as condições necessárias para se desenvolverem devidamente como leitores e, muitas vezes, essa deficiência provém de uma dívida social do país com seu povo (CADEMARTORI, 2009).

O tema escolhido e este trabalho se justificam por acreditar que a literatura tem fundamental importância na própria constituição dos sujeitos, no seu desenvolvimento, na formação de leitores e no seu sucesso escolar. Mesmo com as novas tecnologias existentes para entretenimento, como computadores, vídeos, cinema, é fundamental a valorização da contação de histórias, como um ato lúdico e de oportunidade de interação entre o contador e o ouvinte. Esse hábito traz relevantes benefícios para as crianças, benefícios que se perpetuam ao longo de suas vidas, além de despertar a curiosidade, a criatividade, o senso crítico, a formação de valores, a melhoria da autoestima e ainda contribuir para aguçar o gosto pela leitura e o estreitamento de laços entre a criança e o contador de histórias. Para cultivar o hábito da leitura nas crianças e nos jovens é preciso que a família e a escola façam a sua parte.

Este trabalho é resultado de uma pesquisa vivencial e bibliográfica sobre a importância da literatura infantil no desenvolvimento infantil e no processo de escolarização da criança. Objetiva-se refletir sobre a importância da literatura infantil no desenvolvimento da criança, bem como possibilidades de se trabalhar e incentivar a

leitura. A literatura infantil pode proporcionar aos pequenos diferentes experiências com a linguagem e com os sentidos, favorecendo o seu desenvolvimento linguístico e cognitivo. O professor e a família devem estimular as suas crianças à leitura desde cedo, pois esse incentivo irá refletir num futuro de mais possibilidades a essas crianças. Há extrema diferença entre crianças que desde a infância se envolvem com o mundo da leitura e adolescentes ou adultos que o fazem tardiamente. A pesquisa empírica foi desenvolvida em uma escola da rede pública situada no Plano Piloto - DF, em uma turma iniciante do Ensino Fundamental. A turma de 23 alunos, por indisciplina e muita agitação das crianças, foi dividida em grupos de cinco ou seis alunos para possibilitar um trabalho efetivo. Foram realizados nove encontros semanais de contação de histórias e atividades relacionadas às histórias com a finalidade de aproximar os alunos da literatura infantil.

Dessa forma, o objetivo geral define-se por discutir a importância da contação de histórias e da literatura infantil na formação de leitores e no processo escolar do indivíduo. Os objetivos Específicos consistem em (1) investigar sobre a importância da contação de histórias no desenvolvimento infantil; (2) estabelecer um vínculo afetivo com os participantes da pesquisa; (3) pesquisar sobre a relação de infância e literatura infantil na vida das crianças; (4) investigar sobre estratégias já utilizadas que se demonstraram eficazes na Arte de Contar Histórias, aliando ao trabalho pedagógico e (5) relacionar a contação de história e o gosto pela leitura na formação de leitores.

Este trabalho foi organizado em três capítulos. O primeiro capítulo abarca a importância da contação de histórias na vida das crianças, a influência das narrativas na imaginação infantil, bem como a relação da literatura com o desenvolvimento infantil e os processos escolares, acrescenta as contribuições de alguns teóricos que se destacaram nessa área, como Freud, Piaget, Wallon, Vigotski, Gardner e abrange sobre a contação de história como uma boa inserção da criança no mundo dos livros e, conseqüentemente, na formação de bons leitores. O segundo capítulo compõe-se de uma descrição a respeito da metodologia utilizada, do contexto da escola em que foi realizado o trabalho e dos principais resultados dessa pesquisa. Com base no desenvolvimento e desfecho desse trabalho, foi possível perceber que a contação de histórias e a literatura infantil influenciam muito no desenvolvimento da criança, bem como na formação de leitores e no processo escolar da criança. O terceiro capítulo aborda minhas perspectivas futuras, planos acadêmicos e profissionais.

CAPÍTULO 1

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: DA LÍNGUA FALADA À LEITURA DA FALA

1.1 Narrativa e imaginação para a criança

A contação de histórias tem relevante importância no desenvolvimento infantil, pois além de ser um ato de carinho por parte do adulto, também instiga a imaginação, a criatividade, a oralidade, incentiva o gosto pela leitura e contribui na formação da personalidade da criança, envolvendo o social e o afetivo. A contação de histórias é uma importante atividade na escola, em hospitais, em bibliotecas, em casa, em todos os lugares em que há criança.

A narração é um tipo de texto que conta uma sequência de fatos, sejam eles reais ou imaginários e baseia-se na ação que envolve personagens, tempo, espaço e conflito. Apresenta uma estrutura composta pela apresentação, complicação, clímax e desfecho. O narrador é o responsável por contar a história, criando um texto que flui no imaginário do leitor, com a composição de tramas e a elaboração de personagens mais ou menos complexas. Afinal, qual é a relação entre narrativa (histórias) e a imaginação da criança?

As histórias infantis são muito importantes na formação de qualquer criança, “...escutá-las é o início da aprendizagem para um ser leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e compreensão de mundo...” (ABRAMOVICH, 2003). As narrativas chegam bem cedo à criança, já em seus primeiros dias de vida. Elas surgem por meio de músicas, letras de cantigas que tantas vezes contam histórias, como *O Cravo brigou com a Rosa*, *Ciranda Cirandinha*, *A Canoa Virou* e *Atirei o Pau no Gato*. Chegam, muitas vezes, por meio de canções que marcaram a infância e a juventude da mãe e do pai que embalam a criança no colo. Como dizia o poeta russo Kornei Chukovski (1968), as pessoas contam as histórias e canções de que mais gostavam quando elas próprias eram crianças, de modo que quem escolhe as histórias para as crianças de hoje são as crianças de ontem.

A narrativa surge também por meio da conversa do adulto que conta ao bebê o que fez e o que aconteceu. Qualquer criança que tiver contato com a linguagem terá

também contato com a narrativa, ainda que esta não seja direcionada a ela. Ler histórias para crianças é poder sorrir, rir, é poder ser um pouco cúmplice do momento de humor, de brincadeira, de divertimento que há na história. É despertar o imaginário, é ter outras ideias para solucionar problemas, é mais uma possibilidade de desvendar o mundo dos conflitos, dos que todos vivemos de alguma forma, poder se identificar com personagens e elaborar as próprias questões. A contação de histórias oferece às crianças novas concepções de conhecimento sobre tudo que está a sua volta:

Ouvindo histórias pode-se também sentir importantes emoções, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e experimentar tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve. Por meio de uma história pode-se descobrir outros lugares, outros tempos, outras formas de agir e de ser, também outra ética e outra ótica... (ABRAMOVICH, 2003, p. 17)

A imaginação desempenha um papel imenso na vida da criança, misturando-se a todas as suas ocupações. Com ela, “anima coisas, personifica as letras do alfabeto, se atribui a personalidades as mais diferentes e transfigura a realidade até iludir-se a si própria” (SOSA, 1993, p. 77). Garantir a riqueza da vivência narrativa às crianças contribui para o desenvolvimento de pensamento lógico delas e também de sua imaginação que, como nos ensina Vigotski, andam juntos: “a imaginação é um momento totalmente necessário, inseparável do pensamento realista” (VIGOTSKI, 1999, p.128).

O contato com as histórias significa para as crianças o reencontro simbólico com um padrão organizativo que elas já vivem em sua experiência com a sucessão dos eventos no tempo e em sua rotina doméstica (GIRARDELLO, 2007), o que contribui para maior entendimento e elaboração de suas ideias e questões interiores. O impulso para acompanhar uma história surge da curiosidade em saber o que virá depois; esse impulso aproxima a narrativa da imaginação e do desejo de conhecimento. Escutar uma história aguça a imaginação, “envolve ir à frente da história, antecipando a ação, fazendo conexões e produzindo sentidos” (GRAINGER, 1997, p. 41).

A criança quer saber de tudo o que está envolvido na performance do adulto que lhe canta uma cantiga ou conta uma história: como dizer, como cantar, como produzir com palmas o som de uma cavalgada, como fazer o personagem roncar. E à medida que sua capacidade linguística vai se sofisticando, vai ficando curiosa para saber que surpresa lhe reserva o enredo. (GIRARDELLO, 2007, p. 6-7)

As crianças começam a desenvolver sua competência narrativa praticamente desde o berço, já que entre os 18 e os 20 meses de idade são, em geral, capazes de recontar o passado, organizando eventos em ordem cronológica (FIVUSH, 1991). Geralmente, em torno dos dois anos de idade, a criança já consegue reorganizar a experiência subjetiva que tem dela mesma e de sua relação com as outras pessoas. A competência narrativa é desenvolvida através da relação com os adultos e na interação social de modo geral. Os relatos de experiência pessoal são considerados um importante espaço de construção social do eu. É também aí que as crianças vão aprendendo a construir as suas narrativas, a falar sobre o passado, sobre o presente, expectativas do futuro e a criar elementos fictícios. É ouvindo histórias (lidas e também contadas livremente, inspiradas na literatura ou na experiência vivida) e vendo ouvidas as suas próprias histórias que elas aprendem desde muito cedo a tecer narrativamente sua experiência e, ao fazê-lo, vão se constituindo como sujeitos culturais. Dessa forma, vão se tornando seres narrados e seres narradores, gradativamente, confirmando os benefícios disso para a vida pessoal, social e cultural de cada um e do grupo em que se inserem.

Também, de acordo com o manual do *Currículo em Movimento da Educação Básica – Ensino Fundamental dos Anos Iniciais*, o trabalho com a literatura deve consistir em proporcionar aos alunos o contato com a diversidade de gêneros e obras literárias. Isso com o objetivo de tornar os estudantes leitores críticos e capazes de formular as suas próprias opiniões. Para Cosson (2007), o trabalho com a literatura na escola é fundamental para a formação de um leitor e escritor proficiente, pois fornece elementos para um autoconhecimento e desenvolve a articulação com a linguagem. Além disso, o texto literário emociona, diverte e dá prazer, informa acerca do mundo e relações humanas.

Então, ressaltamos aqui a grande importância de se ler em voz alta para crianças e trabalhar literatura em sala de aula para estimular nelas o gosto pela leitura. Mas destacamos também que a narrativa para crianças pequenas tem muitas outras relevantes dimensões, além do estímulo à leitura, ao enriquecer a linguagem e a imaginação, acaba favorecendo o amor aos livros.

1.2 Desenvolvimento Infantil e Processos Escolares

Os primeiros anos de vida do indivíduo são de extrema importância, pois o que ocorre na infância, principalmente na primeira infância (0 a 6 anos de idade), reflete por toda a vida. Devemos oferecer às crianças condições que propiciem o seu desenvolvimento saudável, como relacionamentos estáveis, responsivos, estimulantes e ricos em experiências de aprendizagem; isso certamente contribuirá com benefícios permanentes para a aprendizagem, o comportamento e a saúde física e mental das crianças. Por outro lado, o estresse crônico causado por adversidades significativas, como pobreza extrema, abuso ou negligência, pode debilitar o desenvolvimento do indivíduo. Desta forma, chamamos a atenção para a importância da implantação de práticas e políticas, relativas às crianças, voltadas à promoção da cidadania por meio do fomento da saúde mental e social, assim como formas de educação e cuidado da criança que favoreçam um desenvolvimento saudável, para que esse indivíduo possa resolver, desde cedo, de forma não violenta os seus conflitos, superar as adversidades que se deparar e lidar de forma respeitosa com o outro e com o ambiente. Ao longo do tempo, muitos estudos se destacaram e nos trouxeram relevantes contribuições acerca dessa questão. Citamos aqui alguns autores que foram fundamentais no avanço da ciência em relação às particularidades do desenvolvimento infantil.

1.2.1 Contribuições de S. Freud

Na sua teoria do desenvolvimento humano, Freud considerou o critério afetivo, que corresponderia ao comportamento do indivíduo frente aos seus objetos de prazer e dividiu esse desenvolvimento em fases sucessivas. Todo o desenvolvimento seria marcado por fases que se caracterizam, sobretudo, pela mudança do que é desejado e pela maneira como esses desejos são atingidos. Consideradas como fases pré-genitais, temos: a fase oral, que vai desde o nascimento até o desmame, por volta de um a dois anos de idade aproximadamente; a fase anal, que se inicia em torno de dois e três anos de idade; e a fase fálica, que tem o seu apogeu em torno dos cinco anos, em média, o que coincide com o término do complexo de Édipo. Todavia, é bom salientar que o tempo de cada fase é menos importante que as transformações que ocorrem em cada uma dessas etapas durante o desenvolvimento do indivíduo. A partir daí, as fases pré-genitais se extinguem e a criança entra no período de latência, permanecendo nele até os 12 ou 13 anos, em média, quando entra na puberdade e sofre todo o processo de transformações biológica e

psicológica que a preparam para a fase adulta ou genital do desenvolvimento psicossocial.

Na fase oral, grande parte da energia sexual é direcionada para os lábios e a língua, tornando-os portanto, a primeira zona erógena, uma vez que é esta a primeira parte a ser dominada pela criança. Nela o prazer está associado, inicialmente, ao processo de se alimentar. Em seguida, essa energia é grandemente direcionada para o ânus, que passa a ser a nova zona de prazer: o ato de defecar ou reter as fezes passa a provocar prazer sexual. Posteriormente, a criança entra na fase fálica, cuja zona erógena é formada do pênis ou do clitóris. Segundo Freud, essa fase é caracterizada de fálica porque nesse período do desenvolvimento – em torno de três ou quatro anos – ela se dá conta do seu pênis ou da ausência dele (no caso das meninas). Estas três fases constituem as fases pré-genitais da sexualidade e o prazer obtido autoerógeno.

O período de latência ocorre quando a sexualidade pré-genital se extingue. O jovem em maturação apresenta uma vida sexual quase que exclusivamente limitada as suas fantasias e passa a dedicar-se mais às atividades culturais. O retardo da maturação sexual é, de certo modo, uma garantia contra o incesto, pois essa só deverá ocorrer quando a criança tiver condições de respeitar o tabu cultural defendido pela sociedade. Na fase adulta ou genital do desenvolvimento, os impulsos sexuais são despertados pelas mudanças hormonais que ocorrem no organismo do púbere. Nesse estágio, idealmente, a sexualidade abrangendo as três zonas pré-genitais e a afeição podem ser combinadas. Esta fase atinge a sua plenitude por volta dos 17 e 18 anos.

Em resumo, podemos dizer que o modelo do desenvolvimento psicossocial proposto por Freud considera que haja nos primeiros anos de vida uma progressão de experiências relacionadas com o desabrochar biológico-sexual do indivíduo e que ele seria para sempre afetado por essas experiências sexuais infantis, particularmente com relação ao complexo de Édipo, pois este tem se constituído, ao longo da história da psicanálise, no ponto central de referência da psicopatologia.

Nessa perspectiva, o ser humano sempre precisa buscar conhecer a sua história, encontrar algum argumento, alguma palavra que explique o porquê do fenômeno que traz como questão e o que lhe parece desconhecido; por isso a humanidade cria mitos, histórias e contos de fadas, para uma suposta explicação de sua angústia. Dessa forma, as histórias infantis e os contos de fadas exercem a função de deixar à fantasia da criança um espaço para encontrar soluções e para aplicar a si elementos da história em sua vida, oferecendo soluções sem indicá-las diretamente, apenas sugerindo-as. O autor Gillig (1999) afirma

que, nos contos de fadas, os monstros e as bruxas representam personagens temíveis que são as projeções imaginárias dos fantasmas que a criança traz consigo: medo de ser devorado, medo de ser abandonado por seus pais, medo da rivalidade fraterna. Assim, as narrativas e os contos de fadas são importantes para a criança conseguir lidar melhor com suas angústias, projetando-as nessas histórias, podendo se identificar com os heróis. A maioria das histórias tem seu enredo desenvolvido baseado na equação: *estabilidade + problema + solução = estabilidade*, trabalhando assim uma série de ansiedades que são comuns nas crianças. As narrativas oportunizam a criança um material imaginativo, no qual buscará imagens e ideias para lidar com seus conflitos internos, traçando fronteiras entre a fantasia e a realidade (BETTELHEIM, 2007).

[Os contos de fadas] oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela seria incapaz de descobrir por si só de modo tão verdadeiro. Mais importante ainda: sua forma e estrutura sugerem à criança imagens com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida. (BETTELHEIM, 2007, p. 14)

1.2.2 Contribuições de J. Piaget

Jean Piaget foi biólogo suíço (1896-1980) e pesquisador interacionista que se destaca quando o objetivo é compreender as relações entre maturação, aspectos históricos culturais/sociais e processos de ensino-aprendizagem do desenvolvimento infantil na contemporaneidade. Piaget pesquisou como a criança passa de um nível de menor conhecimento para um nível de maior conhecimento, ou seja, como ocorre o processo de gênese (nascimento) da inteligência e o desenvolvimento das funções intelectuais. Sua teoria denominou-se “epistemologia genética” e ficou muito conhecida como construtivista, sendo considerada essencial para compreender como a criança constrói o seu conhecimento. Segundo a teoria de Piaget, o conhecimento não está no sujeito e nem no objeto a ser conhecido, mas é construído por meio da interação entre sujeito e objeto. A teoria de Piaget é complexa, importante e vasta para a compreensão do desenvolvimento cognitivo e moral do ser humano. Apresentaremos aqui alguns conceitos da teoria pertinentes ao nosso estudo. Nessa teoria, o processo de conhecimento oportuniza situações de desequilíbrio cognitivo quando se depara com algo a ser aprendido ou alguma situação nova ou problema que precisa ser solucionado. Então, ocorre uma reorganização das estruturas mentais para solucionar tal desequilíbrio, com o

objetivo de atingir o equilíbrio novamente (esse movimento Piaget chamou de *equilibração*).

Segundo Piaget, essa modificação das estruturas mentais da criança é chamada de *adaptação*. A adaptação se constitui de dois processos chamados de *assimilação* e *acomodação*.

O processo de assimilação se refere à tentativa, feita pelo sujeito, de solucionar uma determinada situação, utilizando uma estrutura mental já formada, isto é, a nova situação, ou o novo elemento é incorporado e assimilado a um sistema já pronto. Trata-se, portanto, da atualização de um aspecto do repertório comportamental ou mental do sujeito numa dada circunstância. (...) A este processo de modificação de estruturas antigas com vista à solução de um novo problema de ajustamento, a uma nova situação, Piaget denomina *acomodação*. (...) Para Piaget existe uma troca constante entre sujeito e meio, bem como uma busca constante de um estado de equilíbrio biológico e mental. (RAPPAPORT; FIORI; DAVIS, 1981, p. 57-58).

Piaget denominou fases do desenvolvimento cognitivo para explicar as mudanças intelectuais progressivas da criança. Os estágios anteriores são base para os posteriores, onde as estruturas antigas são modificadas (não anuladas) e novas estruturas se originam. Esses períodos são denominados: estágio sensório-motor (0 a 2 anos), estágio pré-operacional (2 a 7 anos), estágio das operações concretas (7 a 12 anos), estágio das operações formais (a partir dos 12 anos).

Assim, a teoria de Jean Piaget é uma referência para compreendermos o desenvolvimento humano e, principalmente, para enfatizar que a criança não é um adulto em miniatura e que apresenta características próprias da sua idade. Estudos e pesquisas de Piaget demonstraram que existem formas diferentes de perceber, compreender e se comportar diante do mundo, próprias de cada faixa etária. Isso quer dizer que existe uma assimilação progressiva do meio ambiente, que implica numa acomodação das estruturas mentais à nova informação do mundo exterior. Segundo Piaget, cada período é caracterizado por aquilo que de melhor o indivíduo consegue fazer de acordo com as suas faixas etárias, também a literatura infantil deve ser de acordo com faixa etária e o interesse da criança. Piaget defende que o indivíduo se desenvolve a partir do meio em que ela vive e a contação de histórias e a literatura infantil são formas de estimular o desenvolvimento e o conhecimento da criança. O trabalho com a literatura contribui para o desenvolvimento psicológico da criança ao estimular e propiciar a construção das representações de si e da personalidade, propondo uma identificação/comunicação entre o eu e as experiências vividas e a trama/personagens fictícios. As projeções-simbólicas

permitidas pelo texto literário infantil funcionam, no processo de autoconhecimento, como um veículo para formação e transformação da personalidade, o que resultará num enriquecimento progressivo no campo dos valores morais, no campo racional, no campo da cultura e no campo da linguagem.

1.2.3 Contribuições de H. Wallon

Henri Paul Hyacinthe Wallon (1879-1962) nasceu na França e graduou-se em filosofia, medicina e psicologia. Ele se preocupou em compreender o psiquismo humano, a inteligência e o desenvolvimento infantil integral nas dimensões afetivas, cognitivas e motoras. Por meio de seus estudos, comprovou a importância e influência das emoções no desenvolvimento do trabalho educativo. Suas ideias se fundamentaram “em quatro elementos básicos que se articulam constantemente: a afetividade, o movimento (dimensão motora), a inteligência (dimensão cognitiva) e a formação do eu como pessoa” (PILETTI; ROSSATO, 2011, p. 103).

Wallon fez uma diferenciação entre emoções e afetos (afetividade), que dependem da interação dos organismos (sujeitos) e dos espaços sociais, físicos e culturais. As emoções estão mais ligadas aos aspectos biológicos; a afetividade é demonstrada por situações mais prolongadas e implica uma carga de atração ou repulsão do qual participam elementos orgânicos e cognitivos. Cognição, motricidade e afetividade se articulam e se desenvolvem em conjunto, relacionando-se com o meio cultural e social, constituindo a personalidade da pessoa (SANTOS; XAVIER; NUNES, 2009, p. 68).

Segundo Wallon, a afetividade é fundamental para o conhecimento e a constituição do sujeito (Wallon citado em Galvão, 2000). Para o autor, as emoções podem ser consideradas, sem dúvida, como origem da consciência; as crianças demonstram ou reproduzem certos valores oriundos de seus vínculos familiares e de sua convivência. Nesse sentido, a literatura infantil tem fundamental importância no processo cognitivo para a educação, a contação de histórias e as leituras desempenham um papel importante no desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, além de contribuir para a familiarização com a língua escrita.

1.2.4 Contribuições de L. S. Vigotski

Lev Semenovich Vigotski (1886-1934) nasceu em Orsa (Rússia). Vygotsky traz grande contribuição à área da educação, na medida em que traz importantes reflexões sobre o processo de formação das características psicológicas tipicamente humanas e sobre as relações entre ensino, aprendizagem e desenvolvimento (REGO, 2014). Vigotski se direcionou a uma investigação de uma psicologia diferenciada que contemplasse e integrasse os postulados da teoria marxista na compreensão do funcionamento mental. Pesquisou sobre os processos de transformação do desenvolvimento humano em suas dimensões histórico-social, ontogenética e filogenética e aprofundou-se no estudo das funções superiores, ressaltando a sua origem sociocultural e justificando o aparecimento das funções psicológicas elementares como que atreladas à dimensão biológica (BASTOS, 2014).

Para compreendermos a diferente abordagem de Vygotsky, vamos às suas teses. Segundo Rego (2014), a primeira se refere à relação indivíduo/sociedade. Vigotski afirma que as características tipicamente humanas não estão presentes desde o nascimento do indivíduo, nem são meros resultados de pressões do meio externo. Elas resultam da interação dialética do homem e o seu meio sociocultural. Ao mesmo tempo em que o ser humano transforma o seu meio para atender suas necessidades básicas, transforma-se a si mesmo.

A segunda é decorrência da ideia anterior e se refere à origem cultural das funções psíquicas. As funções psicológicas especificamente humanas se originam das relações do indivíduo e seu contexto cultural e social. A cultura é parte constitutiva da natureza humana, já que sua característica psicológica se dá através da internalização dos modos historicamente determinados e culturalmente organizados de operar com informações.

A terceira tese se refere à base biológica do funcionamento psicológico: o cérebro, visto como o principal órgão da atividade mental. O cérebro é o substrato material da atividade psíquica que cada membro da espécie traz consigo ao nascer.

Já a quarta tese diz respeito aos instrumentos técnicos e os sistemas de signos, construídos historicamente e que fazem a mediação dos seres humanos entre si e deles com o mundo. A linguagem é um signo mediador por excelência, pois ela carrega em si os conceitos generalizados e elaborados pela cultura humana. Segundo ele, a linguagem tem duas funções básicas: a principal é o intercâmbio social e depois o pensamento generalizante:

É através da linguagem, que o mundo, a materialidade e o simbolismo das construções humanas são apresentados aos sujeitos, e na dialogicidade, os significados são compreendidos, partilhados, internalizados e ressignificados. (SANTOS; XAVIER; NUNES, 2009, p. 65)

E a quinta tese postula que a análise psicológica deve ser capaz de conservar as características básicas dos processos psicológicos, exclusivamente humanos. Este princípio baseia-se na ideia de que os processos psicológicos complexos se diferenciam dos mecanismos mais elementares e não podem ser reduzidos à cadeia de reflexos.

A consciência individual e os aspectos subjetivos que constituem cada pessoa são, para Vygotsky, elementos essenciais no desenvolvimento da psicologia humana, dos processos psicológicos superiores. A constante recriação da cultura por parte de cada um dos seus membros é a base do processo histórico, sempre em transformação, das sociedades humanas. (OLIVEIRA, 1997, p. 63)

Nesse sentido, Vigotski enfatiza acerca das experiências socioculturais como constituidoras da criança. Ele aborda o processo de internalização como formas de comportamento interpessoais e intrapessoais, gerando espaço para a criação singular a partir dos referenciais coletivos, pois é na relação com o outro (mediação) que a criança internaliza as formas culturais de sua sociedade, como linguagem, símbolos e gestos. A escola tem o fundamental papel de criar espaços e oportunidades para que as crianças se desenvolvam por meio de atividades estimuladoras e prazerosas. Nesse sentido, a contação de histórias e a literatura infantil podem funcionar como valiosos instrumentos de intervenção, contribuindo para a integração no âmbito escolar e para o desenvolvimento global das crianças.

1.2.5 Contribuições de H. Gardner

Howard Gardner, integrou, em 1979, uma equipe de pesquisadores da universidade de Harvard, com o objetivo de investigar a natureza e realização do “Potencial Humano”. Analisaram e descreveram o conceito de inteligência, dando origem e fundamentando as inteligências múltiplas. Deu-se origem à Teoria das Inteligências Múltiplas, que propunha a existência de pelo menos oito inteligências básicas no ser

humano. Gardner afirma que todas as pessoas possuem vários tipos de inteligência, embora cada tipo seja mais desenvolvido em algumas pessoas do que em outras. Todos os oito tipos possuem a mesma importância e mesmo valor. A educação ensinada na sala de aula tende a avaliar apenas dois tipos de inteligência: linguística e lógica matemática. A Teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner aponta uma necessidade de mudança no paradigma educacional, para conseguir atingir uma educação na plenitude do seu potencial os alunos (ANTUNES, 2001).

Aqui chamamos a atenção para características de alguns aspectos do desenvolvimento humano que a contação de histórias e a leitura podem incitar. As inteligências/habilidades linguística ou verbal se iniciam desde o nascimento da criança: no lado esquerdo do cérebro acontecem conexões dos circuitos que transformam os sons em palavras. Essa habilidade pode ser estimulada por meio de inserção de palavras novas, participação em conversas estimulantes, construção com palavras e imagens, composição com objetos e aprendizagem de língua estrangeira. Já as inteligências/habilidades pessoais (intra e interpessoais) vão do nascimento à puberdade do indivíduo: no lobo frontal do cérebro ocorrem os circuitos do sistema límbico que começam a se conectar e se mostram muito sensíveis a estímulos provocados por outras pessoas. Essa habilidade pode ser estimulada, por exemplo, por meio do brincar, do carinho à criança, do compartilhamento de admiração pelas descobertas, de incentivos e mimos na dosagem e na hora corretas.

1.3 Da contação de história à literatura infantil

A contação de histórias na infância é o primeiro contato da criança com a literatura; além de exercer influências muito favoráveis ao seu desenvolvimento, abre portas para a mundo da literatura que, por sua vez, é uma poderosa ferramenta de formação cultural. A contação de histórias e a literatura infantil possibilitam o desenvolvimento da linguagem, incluindo o processo de alfabetização e letramento e a formação do pensamento e da imaginação, nos aspectos psicossociais, afetivos, cognitivos e muitos outros. A literatura infantil é muito importante na formação do pequeno leitor, porque através dela a criança utiliza a imaginação provocada pela curiosidade e, com isso, amplia o conhecimento do mundo, viaja em um mundo de imaginação e fantasia. Enfim, a interação com a literatura tende a contribuir

significativamente no desenvolvimento cultural, social, psicológico, emocional e cognitivo da criança, refletindo positiva e significativamente em toda a sua vida adulta. Além disso, pode contribuir para a formação de leitores críticos, reflexivos, conscientes, informados e participativos na sociedade. Nesse processo, cabe à atuação dos adultos, no contexto da família e da escola, criar e ampliar condições favoráveis à formação de jovens leitores, o mais cedo possível. Afinal, haverá espaço para a literatura infantil em meio a tantas novidades e avanços tecnológicos?

Para Coelho (1987), a resposta é sim. A literatura, em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir numa sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no “diálogo” leitor/texto, estimulado pela escola. O livro deve ser entendido como uma “mensagem” (comunicação) e o ato de ler ou ouvir história se transforma em um ato de aprendizagem. Cabe à escola, principalmente ao professor, trabalhar para ampliar as competências que a criança possui antes mesmo da alfabetização, introduzindo-a no domínio de alguns aspectos literários que estão presentes em narrativas de livros infantis.

Mesmo com o advento das novas tecnologias a leitura não pode perder espaço diante dos jovens leitores. A prática da leitura é fundamental para a compreensão, interpretação e reflexão dos textos e contextos nos cerca no mundo. Dessa forma os educadores têm a grande missão e desafio de cativar os seus alunos para a literatura, utilizar criatividade e imaginação para oferecer atividades atraentes voltadas à prática da leitura.

Segundo Zilberman (2003), a criança necessita de um suporte fora de si que lhe sirva de auxiliar e é esse lugar que a literatura infantil preenche de modo particular:

A linguagem, que é o mediador entre a criança e o mundo, de modo que, propiciando, pela leitura, um alargamento do domínio linguístico, a literatura preencherá uma função de conhecimento; o ler relaciona-se com o desenvolvimento linguístico da criança, com a formação da compreensão do fictício, com a função específica da fantasia infantil, com a credulidade na história e a aquisição de saber”. A fantasia é um importante subsídio para a compreensão de mundo por parte da criança: ela ocupa as lacunas que o indivíduo necessariamente tem durante a infância, devido ao se desenvolvimento do real; e o ajuda a ordenar suas novas experiências, frequentemente fornecidas pelos próprios livros (Perkerkert - Zilberman, Pag, 49).

A literatura infantil deve ser valorizada e entendida como um fenômeno significativo e de amplo alcance na formação do pensamento. É relevante na aquisição de

conhecimentos, informação, desenvolvimento pessoal, ludicidade, comunicação e como meio de interação do indivíduo com o mundo a sua volta (COELHO, 1987). Dessa forma, a literatura infantil pode ser considerada como um instrumento motivador e desafiador, capaz de transformar o indivíduo em um sujeito ativo que sabe pensar, responsável pela sua aprendizagem e suas escolhas, que compreende o contexto em que vive e constrói a própria trajetória de vida de acordo com o seu desejo.

É nesse mesmo sentido que a literatura infantil se destaca, pois, de acordo com Coelho (2000, p. 15):

A verdadeira evolução de um povo se faz ao nível da mente, ao nível da consciência de mundo que cada um vai assimilando desde a infância. Ou ainda não descobriram que o caminho essencial para se chegar a esse nível é a palavra. Ou melhor, é a literatura – verdadeiro microcosmo da vida real, transfigurada em arte.

Diante disso, a escola tem um papel de fundamental importância e precisa abraçar essa missão com dedicação e seriedade, para que se justifique como instituição onde se deva realmente aprender a ler e a escrever. Para isso, é imprescindível um trabalho de qualidade e efetivo de valorização e prática da leitura desde cedo. Os professores devem criar meios e estratégias para que os seus alunos possam experimentar o prazer de ler, passem a apreciar a leitura de bom livro e, conseqüentemente, comprovem que ler não é apenas uma atividade escolar mecânica e descontextualizada, mas sim uma atividade cheia de vida, gostosa e enriquecedora. E precisa ser (desde cedo) plena de significação (ABRAMOVICH, 2003). Segundo Zilberman (2003, p.16) “[...] a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um importante setor para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorado, muito menos desmentida a sua utilidade”. A escola é, muitas vezes, a única oportunidade que as crianças têm de entrar em contato com a leitura.

Coelho (1987) defende que a escola é um espaço privilegiado que deve ampliar as condições que favoreçam a formação do indivíduo e esse espaço-escola deve ser valorizado, não como um sistema rígido, reprodutor, disciplinador e imobilizador, mas sim como um ambiente que permite o ser-em-formação chegar ao seu autoconhecimento e a ter acesso ao mundo da cultura. A escola deve, assim, se pautar de propostas às atividades com literatura e expressão verbal; com estudos programados (sala de aula, bibliotecas para pesquisas, etc.) e atividades livres (salas de leitura, oficina da palavra, laboratório de criatividade, espaço de experimentação, etc.).

Para Garcia (1992), a prática da leitura na escola não é uma mera questão de técnicas e atividades. A mola propulsora do trabalho com a leitura é o envolvimento e o compromisso profissional do professor. Garcia argumenta, ainda, que praticar a leitura, capacitando o leitor a desenvolver o gosto pela leitura, exige uma postura que passa por:

- Colocar o livro nas mãos do leitor (levando-o à sala de leitura/biblioteca e oferecendo-lhe variadas opções; orientando e sugerindo a escolha de títulos; indicando títulos; destacando livros ou gêneros);
- Promover conversas e debates sobre livros lidos (discutindo em classe um livro ou parte dele; entrevistando autores de livros; participando de palestras de escritores; saindo a campo para fazer pesquisas pós-leitura);
- Possibilitar ao leitor virar autor (propondo atividades de escrita relacionadas ao livro lido ou escrita de livros e publicação de analogias);
- Propor atividades lúdicas que revigoram o prazer da leitura;
- Propor atividades relacionadas ao livro (feira de troca, feira de livros, visita a bienais e a editoras). (Garcia 1992, p.31)

Isso sem nos esquecer que a leitura é um componente fundamental em todas as disciplinas da escola, cabendo ao professor estar envolvido nessa missão e ser um pesquisador constante de bons textos para indicá-los. Um bom texto (ou livro) pode ligar a criança numa mesma sintonia; ler se aprende lendo e se os alunos não leem na escola, dificilmente lerão fora da escola. Então, os educadores não podem ficar alheios a essa questão, é responsabilidade da escola garantir a presença da leitura nos bancos escolares, acrescenta Garcia.

Assim, a contação de histórias e a literatura Infantil podem representar poderosas estratégias na formação do aluno-leitor num processo educacional que valoriza a constituição de sujeitos críticos e reflexivos. Para isso, o professor precisa saber conduzir o seu aluno ao prazer da leitura, ele precisa estar “sintonizado” com as transformações do momento presente reorganizar o seu próprio conhecimento ou consciência de mundo, orientado principalmente em três principais direções: da literatura (como leitor atento), da realidade social (como cidadão consciente) e da docência (como profissional competente) que o cerca (COELHO, 1987). E, é ao livro, à palavra escrita, que se atribui a maior responsabilidade na formação da consciência de mundo das crianças e jovens.

Versolla e seus colaboradores realizaram, em 2012, uma pesquisa com 58 crianças pré-escolares. Implementaram uma atividade antes e outra depois da intervenção com leituras de histórias infantis para essas crianças por determinado período. A partir dos dados coletados, percebeu-se o aumento no número de criações narrativas pelas crianças após a intervenção. Assim, pode-se afirmar que a estimulação de linguagem realizada por meio da leitura de histórias infantis contribui notoriamente no avanço das

habilidades narrativas das crianças. Do mesmo modo, vale a pena acrescentar que a participação do adulto nesse processo contribui bastante para o desenvolvimento da criança devido à prática cultural de leitura de histórias infantis ser uma atividade que envolve não apenas a área cognitiva, mas também a simbólica e afetiva.

Rodrigues e seus colaboradores (2012) realizaram pesquisa com o objetivo de avaliar um programa dirigido à diversificação na prática docente de contar histórias e a promoção indireta da compreensão infantil dos estados mentais e do processamento de informação social. Nessa pesquisa, participaram cinco professores e 57 alunos (de cinco a seis anos de idade) de uma escola pública. As docentes foram capacitadas, pré e pós-avaliadas por questionários que investigaram as concepções sociocognitivas e o impacto da capacitação sobre a prática de leitura mediada. A leitura mediada visa possibilitar a interação entre o adulto e a criança no momento de leitura da história, incentivando a participação das crianças durante a contação de história. Segundo os autores, foi possível perceber um aperfeiçoamento docente na seleção de livros e na exploração dos termos mentais nas narrativas e, em relação aos alunos, foram percebidas diferenças significativas quanto à linguagem e ao aprimoramento do processamento de informação social.

1.3.1 Literatura e Desenvolvimento Infantil

Para que o convívio do leitor com a literatura seja efetivo, são muitos os fatores em jogo. Coelho (1987) destaca que, dentre esses fatores, o mais importante é a necessária adequação dos textos às diversas etapas do desenvolvimento infantil. Embora o desenvolvimento biopsíquico de cada indivíduo se dê de uma forma e ritmo bem particularizado, a natureza e a sequência de cada estágio é sempre a mesma. Assim, segundo Coelho (1987), alguns elementos devem ser considerados para uma boa escolha de livros, como:

a) O Pré-leitor

Na Primeira Infância (dos 15/17 meses aos 3 anos), a criança inicia o reconhecimento da realidade que a rodeia, principalmente pelos contatos afetivos e pelo tato. O seu impulso básico é pegar em tudo ao seu alcance. É também o momento em que a criança começa a conquista da própria linguagem e passa a nomear as realidades à sua volta. O importante nesta fase é essencialmente a atuação do adulto, manipulando e

nomeando os brinquedos ou desenhos, inventando situações bem simples que os relacionem afetivamente com a criança.

Na Segunda Infância (a partir dos 2 ou 3 anos), é fase em que começam a predominar os valores vitais (saúde) e sensoriais (prazer ou carências físicas e afetivas) e quando se dá a passagem da indiferença psíquica para a percepção do próprio ser. Início da fase egocêntrica e dos interesses ludo-práticos, do impulso de adaptação ao meio físico e crescente interesse pela comunicação verbal. Nesta fase a presença do adulto é sempre fundamental quanto à orientação para a brincadeira com o livro. Tudo que acontece ao redor da criança é, para ela, muito importante e significativo. Os livros adequados a essa fase devem propor vivências radicadas no cotidiano familiar à criança e apresentar determinadas características estilísticas, como predomínio absoluto de imagens que sejam nítidas, significativas e atrativas à criança. Graça, humor e um certo clima de mistério são fatores essenciais nos livros do pré-leitor. A técnica da repetição ou da reiteração de elementos é das mais favoráveis para manter a atenção e o interesse desse difícil leitor a ser conquistado.

b) O Leitor Iniciante (a partir de 6 ou 7 anos)

Fase da aprendizagem da leitura, na qual a criança já reconhece com facilidade os signos do alfabeto e reconhece a formação das sílabas simples e complexas. Início do processo de socialização e de racionalização da realidade. A presença do adulto, como agente estimulador, é necessária. Os melhores incentivos são os aplausos ou estímulos carinhosos a cada uma de suas pequenas vitórias. Os livros adequados a essa fase apresentam as seguintes características: a imagem ainda deve predominar, a narrativa deve desenvolver uma situação (acontecimento, fato ou conflito, etc.) simples, linear, e que tenha princípio, meio e fim. O pensamento lógico da criança exige unidade, coerência e organicidade entre os elementos da narrativa. O humor, graça, a comicidade, como sempre, são fatores muito positivos. As personagens podem ser reais (humanas) ou simbólicas (bichos, plantas, objetos), mas sempre com traços de caráter ou comportamento bem nítidos. O texto deve ser estruturado com palavras de sílabas simples (vogal/consoante/vogal), organizadas em frases curtas, enunciadas em ordem direta e com elementos repetitivos, para facilitar a compreensão dos enunciados. Os argumentos devem estimular a imaginação, a inteligência, a afetividade, as emoções, o pensar, o sentir.

c) O Leitor em Processo (a partir de 8 ou 9 anos)

Fase em que a criança já domina com facilidade o mecanismo da leitura. Aguça o seu interesse pelo conhecimento das coisas. Seu pensamento lógico organiza-se em formas concretas que permitem as operações mentais, tem atração pelos desafios e pelos questionamentos de toda natureza. A presença do adulto ainda é importante como motivação ou estímulo à leitura. Os livros indicados para essa fase deve conter: imagens em diálogo com texto, frases simples e em ordem direta com comunicação imediata e objetiva. A narrativa deve girar em torno de uma situação central, um problema, um conflito, um fato bem definido a ser resolvido até o final. Ainda o humor, a graça, as situações inesperadas ou satíricas exercem grande atração nos leitores dessa fase.

d) O Leitor Fluente (a partir dos 10 ou 11 anos)

Fase de consolidação do domínio da leitura e da compreensão do mundo expresso no livro. Já há reflexão e a capacidade de concentração aumenta, permitindo o engajamento do leitor na experiência narrada e, conseqüentemente, aumentando o seu conhecimento ou percepção de mundo. A partir desta fase, desenvolve-se o pensamento hipotético dedutivo e a conseqüente capacidade de abstração. O leitor é atraído pelo confronto de ideias e seus possíveis valores. São fatores básicos: a presença do adulto já não é necessária, também as imagens já não são indispensáveis. Personagens mais atraentes são os heróis e heroínas e pessoas comuns questionadoras, com a presença de idealismo, emoção, desafios à inteligência. A linguagem tende a ser mais elaborada e os gêneros narrativos que mais interessam são os contos, as crônicas, ou novelas de cunho aventureiro ou sentimental, que envolvam grandes desafios do indivíduo ao meio.

e) O Leitor Crítico (a partir de 12 ou 13 anos)

Fase de total domínio da leitura, da linguagem escrita, capacidade de reflexão em maior profundidade. Fase de desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico, empenhados na leitura de mundo e despertar da consciência crítica em relação às realidades consagradas, agilização da escrita criativa. O convívio do leitor crítico com o texto literário deve extrapolar a mera fruição de prazer ou emoção e deve provocá-lo para penetrar no mecanismo da leitura. O contato com a literatura incita o imaginário, a curiosidade, a brincadeira, as ideias. E é por meio da literatura que se pode vivenciar emoções importantes, como a tristeza, a raiva, o medo, a alegria, a tranquilidade e tantas outras mais.

Para Coelho (2000), quando se usa a frase mágica “Era uma vez...”, desvenda-se para a criança o espaço, “Em um reino antigo...”, o tempo pode ser passado. Dessa forma, a criança vai descobrindo a relação entre o tempo e o espaço. Assim, a utilização da literatura infantil como estímulo no processo de formação de leitores é primordial, pois a leitura é o meio de compreensão da língua escrita. Nesse processo envolve e desenvolve a percepção, a memória e a relação do indivíduo com o texto, aprendizagem e vivência de emoções simultaneamente. Reconhecer a importância da literatura infantil é contribuir enormemente para uma formação integral da criança. Da mesma maneira, vale a pena destacar sobre a importância da escolha do livro a ser contado ou lido para e pelas crianças. Deve-se escolher uma narrativa que seja adequada ao contexto, à idade e à situação que a criança está vivendo no momento. Quanto mais elementos da história ela puder reconhecer, maior será o interesse e o envolvimento dela com a história. Cada criança possui um ritmo de desenvolvimento particular e bem singular, logo as idades e características mencionadas anteriormente não representam uma regra, e sim apenas um norte para o momento da escolha de livros da contação de história ou mesmo para oferecer para a criança ler.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Investigar sobre a importância da contação de histórias e da literatura infantil no desenvolvimento das crianças, na formação de leitores nos anos iniciais e as suas contribuições nos processos escolares.

Objetivos Específicos

- Investigar sobre a importância da contação de histórias no desenvolvimento infantil;
- Formar vínculo afetivo com as crianças para que eles se envolvam com a literatura.

- Pesquisar sobre a relação de infância e literatura infantil na vida das crianças;
- Pesquisar sobre estratégias já utilizadas que se demonstraram eficazes na Arte de Contar Histórias, aliando ao trabalho pedagógico;
- Relacionar contação de história, literatura infantil, gosto pela leitura, formação de leitores e sucesso escolar.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA

2.1 Abordagem de pesquisa

Essa pesquisa traz uma abordagem qualitativa e exploratória, portanto não tem o intuito de obter números como resultados. A pesquisa qualitativa busca esclarecer os complexos processos que constituem a subjetividade, ou seja, processos incompreensíveis ao conhecimento que não aceitam um estudo fragmentado, mas um estudo totalizado (GONZÁLEZ-REY, 2005). Assim, junto à pesquisa bibliográfica, utilizou-se um método de investigação científica que se foca no caráter subjetivo dos alunos que, no caso, foram os objetos analisados, observados em suas particularidades individuais em relação à literatura. Também foi realizado um levantamento de dados sobre as motivações do grupo em questão em relação à influência da contação de histórias em suas vidas, enfatizando elementos como curiosidade, interesse, desenvolvimento escolar, imaginação e criação.

2.2 Contexto

A escola oferece Ensino Fundamental nos anos iniciais e educação especial. Conta com uma infraestrutura adequada, com água filtrada, água, esgoto, energia da rede pública, lixo destinado à coleta periódica, acesso à internet e banda larga. As suas dependências compreendem: oito salas de aulas, quarenta funcionários, sala de diretoria, sala de secretaria, sala de professores, laboratório de informática, sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), cozinha (oferece alimentação escolar para os alunos), sala de leitura (biblioteca, ainda em não funcionamento), banheiro dentro do prédio, banheiro adequado à educação infantil, parque infantil e pátio coberto. As dependências e as vias são adequadas aos alunos com deficiência ou mobilidade reduzida. Essa escola conta também com grande número de equipamentos, como computadores administrativos e para alunos, TV, copiadora, equipamento de som, impressora, equipamentos de multimídia, etc.

Esta escola vive, atualmente, um momento de transição e reconfiguração da prática pedagógica, baseado na “Educação e Sustentabilidade” – GAIA Escola, um

programa sob a coordenação do educador português José Pacheco (Escola da Ponte). A proposta do GAIA é de reconfiguração da prática pedagógica, trabalhando com as dimensões da sustentabilidade. A intenção é construir comunidades de aprendizagem para um mundo sustentável e um programa de formação desenhado a oferecer a educadores formais e informais um novo saber pedagógico.

Dessa maneira, é uma implantação gradativa de um sistema diferente de funcionamento, baseado ao que já é realidade na Escola da Ponte. Segundo José Pacheco, a Escola da Ponte é uma escola com uma filosofia bem diferente das tradicionais, lá não há séries, ciclos, turmas, anos, manuais, testes e aulas. Os alunos se agrupam de acordo com os interesses comuns para desenvolver projetos de pesquisa. Há também os estudos individuais, depois compartilhados com os colegas. Os estudantes podem recorrer a qualquer professor para solicitar suas respostas. Se eles não conseguem responder, os encaminham a um especialista. Não há salas de aula, e sim lugares onde cada aluno procura pessoas, ferramentas e soluções, testa seus conhecimentos e convive com os outros. São os espaços educativos. “Nosso objetivo era promover a autonomia e a solidariedade”, diz José Pacheco em uma entrevista em 31/07/2013 (Revista Fórum, 31/07/2013).

O educador José Pacheco é o idealizador da Escola da Ponte, localizada a 30 quilômetros de Porto, em Portugal. Lá ele conseguiu colocar em prática, desde 1976, métodos diferentes das escolas tradicionais. Sem séries, ciclos, provas, paredes e muros. Sua proposta, como ele faz questão de dizer, não é feita só com um professor, conta com a participação de toda a equipe, que se mobiliza para ousar e fazer uma educação diferente. Para Pacheco, já está provado que a forma como o Brasil está educando as suas crianças e jovens não deu certo. Crítico, ele defende que, em vez de avaliações e *rankings*, sejam criadas comunidades de aprendizagem, em que os alunos vão construindo os seus conhecimentos, uns com os outros. Para ele, não dá mais para se pensar em salas de aula com um professor falando para os alunos enfileirados. Morando no Brasil, onde coordena o projeto Âncora, Pacheco afirma que a Ponte pode servir de protótipo para outras escolas, mas cada uma deve encontrar o seu jeito de fazer (Revista Fórum, 31/07/2013).

2.3 Sujeitos participantes da pesquisa

Era uma turma de 23 alunos, entre 6 e 9 anos de idade. Eram bastante agitados, a maior parte não conseguia ouvir o que o professor falava, tamanha era a inquietação deles, o que tornava difícil concentração e a condução das aulas ou atividades. Segue abaixo um quadro com algumas características desses educandos, que foram os sujeitos participantes da presente pesquisa:

Quadro 1 – Caracterização dos sujeitos

	Nome	Data Nasc.	Idade (Ano)	Escola Anterior	Comentário
1.	A	14/10/10	6	Não tem	Esse aluno foi um dos que me chamou muito a atenção. Ele estava muito rebelde nos primeiros dias e, aos poucos, foi mudando, foi ficando mais interessado e participativo nas atividades propostas.
2.	G. R	27/06/10	7	EC 407	É muito interessado nas atividades, principalmente nas histórias. Percebi certa dificuldade nas atividades das oficinas, notei pouca autonomia da parte dele.
3.	G. I	28/03/10	7	Creche Olhos D'água	Muito inteligente, bastante agitado, percebi certa dificuldade em concentrar e escutar as histórias e as outras pessoas, bem como em realizar as atividades das oficinas.
4.	G. U	18/01/11	6	EC12 Taguatinga	Esteve ausente vários dias em que houve contação de histórias e oficinas. Mas foi bem participativo ao que era proposto. Pareceu-me se um aluno mais calado e mais quieto que os demais, apesar do pouco contato que tivemos.
5.	H. R	30/03/11	6	Anjo da Guarda	Muito esperto, participativo, sempre contribuindo bastante com o andamento das atividades. Gosta bastante de histórias e demonstra entender bem, nas atividades das oficinas também sempre demonstrou grande interesse e curiosidade.
6.	H. E	27/01/10	7	EC 405 Norte	Ela foi transferida de outra escola. Quando chegou na EC 115 Norte, o nosso Projeto já estava em andamento, percebi que se adaptou rapidamente e sem dificuldades. É bem participativa e se concentra com facilidade.
7.	H.U.	13/08/10	6	Vivendo e Aprendendo	Muito inteligente, percebi certa dificuldade em atender ao que a professora propõe. Geralmente, gosta de fazer só o que ele “quer”, sem interferência de outras pessoas. Às vezes ouve as histórias e às vezes não, assim como nas atividades propostas nas oficinas.
8.	I.	06/02/09	8	EC Mestre D'Armas	Muito inteligente, não tem dificuldades em se concentrar, entender as histórias ou realizar as atividades propostas

					nas oficinas. Às vezes demonstra certa inquietação, mas geralmente é bem participativa.
9.	J. G.	26/08/09	8	Não tem	Esse aluno me chamou muita atenção, nos primeiros dias era agitado e difícil de lidar, só fazia o que queria e não demonstrava muito interesse às atividades propostas, nem conseguia permanecer em sala de aula por ser tão inquieto. Tem suas brincadeiras sempre faz menção à violência, arma de fogo, lutas e agressividade.
10.	K.	26/10/10	6	Não tem	Muito inteligente e muito agitado. Percebi que gosta de chamar a atenção fazendo coisas indevidas para o momento. Percebi que já era presente um carinho entre nós dois, mas não consegui o êxito que eu gostaria em nosso relacionamento, não percebi muita mudança em seu comportamento e atitudes. Noto certa dificuldade dele em se concentrar e escutar as histórias e as outras pessoas, bem como em realizar as atividades das oficinas.
11.	L. A	19/11/10	6	Não tem	Essa aluna tinha o temperamento bem difícil no início, rebelde e extremamente desafiadora com quase todas as pessoas. É bem “mandona”. Tive que “enfrentá-la”, para mostrar que eu não tinha medo dela e para ela se colocar no lugar de aluna, pois não podia mandar em tudo. Com o passar das sessões, ela mudou bastante, agora ela participa mais interessada, sem criticar apenas. Demonstra gostar das histórias e das oficinas. Às vezes, implica muito com os colegas, quer mandar demais. <i>“... eu gosto muito de historinhas e também das atividades que fazemos aqui na biblioteca!”</i>
12.	L. U	20/03/11	6	EC 113 Norte	Esse aluno foi transferido para outra sala, pois o seu desenvolvimento estava além do esperado na sala alaranjada.
13.	L. G.	09/08/10	6	Olhos D’água	Gosta de ouvir histórias, mas sempre quer chamar a atenção e isso o atrapalha um pouco, pois perde o foco nas histórias e/ou atividades propostas. Demonstra certa imaturidade ao lidar com desafios, chora com facilidade.
14.	M. M	07/06/10	7	Maurício Salles	Muito inteligente, demonstra grande autonomia, gosta e entende bem as histórias; sempre contribui muito. É um pouco difícil de lidar, parece ter dificuldade em aceitar ideias que divergem as dela. Com o passar do tempo ficou mais interessada nas nossas histórias e atividades. Atualmente, ela participa mais interessada, sem criticar apenas. Demonstra gostar das histórias e das oficinas. Às vezes, implica muito com os colegas e sempre quer mandar demais.
15.	M. E.	01/09/08	9	Não tem	Essa aluna parece ter algum alguma deficiência intelectual, apesar da idade, ela não demonstra entender bem os comandos dados ou o que está ocorrendo em sala, parece copiar o que os demais fazem. Tem autonomia e atitudes de criança mais nova que ela. Mas, acompanha a

					turma do jeito dela, há uma educadora social para acompanhá-la.
16.	M. T				Tímido, fica sempre caladinho, mas demonstra muita habilidade nas atividades e no entendimento das histórias. Gosta muito de revistinha, passa muito tempo com uma revistinha na mão, lendo.
17.	M. .			Não tem	Durante as nossas atividades, sempre esteve bem tímido, calado e quieto. Mas, gosta e entende bem as histórias, também participa com desenvoltura das oficinas.
18.	M.G.	06/08/10	6	Não tem	Muito inteligente, esperto e participativo; sempre contribui com o andamento das atividades. Gosta de ouvir histórias e demonstra entender bem, nas atividades das oficinas também sempre demonstrou grande interesse, curiosidade e desenvoltura ao realizá-las.
19.	N.K.	02/05/10	7	Não tem	Muito esperta, apesar de ser bem quietinha é participativa, sempre contribui com o andamento das atividades. Gosta muito de ouvir histórias e demonstra entender bem. Nas atividades das oficinas também sempre demonstrou grande interesse, curiosidade e desenvoltura ao realizá-las.
20.	S. L	05/12/10	6	Não tem	Participa bem de tudo o que é proposto, gosta das atividades e das histórias. Também adora contar as suas histórias com a família e coisas que aconteceram com ele.
21.	S. U.	17/11/10	6	Não tem	Muito esperta, apesar de ser bem quietinha é participativa, sempre contribui com o andamento das atividades. Gosta muito de ouvir histórias e demonstra entender bem. Nas atividades das oficinas também sempre demonstrou grande interesse, curiosidade e desenvoltura ao realizá-las.
22.	T.	11/02/11	6	Não tem	Muito Inteligente, também muito agitado. Percebi que gosta de chamar a atenção fazendo coisa indevidas para o momento. Infelizmente, não consegui acesso efetivo a esse aluno, não percebi muita mudança em seu comportamento e atitudes, nem em relação à contação de histórias. Noto certa dificuldade em se concentrar e escutar as histórias e as outras pessoas.
23.	V.	30/11/08	9	EC 115 Norte	Demonstra certa rebeldia, mas participa bem de tudo que é proposto e parece gostar das nossas atividades.
24.	Z.	05/04/11	6	EC Granja do Torto	Muito inteligente, esperto e participativo; sempre conta algo que ocorreu com ele ou com a família dele, contribui com o andamento das atividades. Gosta de ouvir histórias e demonstra entender bem, nas atividades das oficinas também sempre demonstrou grande interesse, curiosidade e grande desenvoltura ao realizá-las.

2.4 Procedimentos e instrumentos do trabalho empírico

Essa pesquisa se justificou pelo fato de acreditar-se na grande relevância que a literatura tem na própria constituição dos sujeitos, no desenvolvimento infantil, na formação de leitores e no processo escolar dos indivíduos. O contato com a literatura pode oferecer às crianças o material simbólico inicial para que possam ir descobrindo quem elas são, quem elas querem e podem ser. A literatura oferece, também, oportunidade para a criança exercitar a sua concentração e o ato de ouvir, contribui na ampliação do vocabulário, estimula a sua curiosidade e, ainda, funciona como um valioso instrumento de incentivo à leitura.

2.4.1 Observação

No primeiro momento, houve um período de observação das crianças em sala de aula, enfatizando o plano de aula e a inclusão da literatura no currículo oferecido pela professora regente. Como se verificou a necessidade de criar meios de aproximação dessas crianças da literatura, leitura e escrita, idealizamos e executamos um projeto de contação de histórias e o Projeto da Ciranda do Livro.

2.4.2 Questionário

Foi elaborado e aplicado às famílias das crianças, objetivando uma sondagem em relação à valorização e presença de contação de histórias e literatura infantil dessas famílias junto as suas crianças. Este questionário foi baseado em questões como: quantas vezes na semana se conta história para a criança? Conta-se história por meio de livro ou não? Que tipo de histórias são lidas com mais frequência? Quem da família conta, geralmente, histórias? Quantos livros há em casa?

2.4.3 O Projeto “Era uma vez...”

Ao primeiro projeto deu-se o nome de “Projeto Era Uma Vez...”, que funcionou da seguinte forma: o local era na própria escola, situada no Plano Piloto, no período de abril/2017 a junho/2017. O público alvo eram os alunos iniciantes do Ensino Fundamental (correspondente ao 1º ano) da Sala Alaranjada do turno da manhã, com idade entre 6 e 9 anos, num total de 23 crianças. Essa turma era muito agitada, eufóricos e a maior parte com dificuldade de escuta, concentração e realização do que o docente propunha como atividade pedagógica. Por isso foi necessária a divisão da turma em grupos menores para que fosse possível um trabalho e acompanhamento mais efetivo. Também houve a aplicação um questionário (em anexo) às famílias dos alunos, para uma sondagem inicial da presença e valorização da prática de contação de histórias e leituras nas casas dessas crianças.

Verificou-se a necessidade de dividir a turma, isso ocorreu de forma a compor quatro grupos de 5 ou 6 alunos, para facilitar a condução atividades que serão realizadas nas quintas-feiras na biblioteca da escola e, algumas vezes, em sala de aula. A divisão da turma ocorreu também com a finalidade de formar um grupo experimental para a análise dos resultados da prática frequente de contação de histórias no desenvolvimento da criança. Esses encontros de contação de histórias foram denominados de “sessões”, que tinham a duração de 50 minutos com cada grupo.

Trabalhou-se uma história diferente a cada semana, procurando trazer uma mensagem positiva para contribuir para a formação de valores dos alunos. Em cada sessão de contação de história acontecia uma conversa inicial com os ouvintes sobre o momento da narração da história, informando que o mesmo não deveria ser interrompido, mas que ao final, cada um teria a oportunidade de se expressar. Também era realizada uma conversa depois da história, com o sentido de analisar e avaliar o que de fato a história ofereceu, a interpretação e entendimento sobre a narrativa. Era um momento importante para se estimular a participação das crianças, bem como a oralidade e expressividade de cada participante. Logo depois eram propostas as atividades relativas à história contada em forma de oficinas.

Todos os planejamentos de atividades foram realizados antecipadamente e de forma que as histórias fossem potencializadas, harmonizando os elementos do enredo com a mensagem educacional que ela trazia.

As histórias foram escolhidas de acordo com o contexto do momento escolar e faixa etária das crianças, sempre atentas à mensagem que a história era capaz de transmitir, procurando sempre promover ideias e atitudes positivas que contribuam para

a formação pessoal e social da criança. Selecionamos as formas de apresentação das histórias, buscando a todo tempo atingir maior encantamento, mais curiosidade e interesse pelas histórias. As atividades das oficinas eram escolhidas com a intenção de lhes despertar criatividade e autonomia ao realizá-las, bem como desenvolver habilidades manuais e artísticas.

As avaliações das atividades realizadas se deram por meio de observação durante as sessões, as atividades realizadas, a percepção de mudanças de atitudes dos educandos, bem como o interesse e a satisfação dessas crianças.

2.4.4 Sobre o Projeto da Ciranda do Livro

Esse projeto foi criado com intuito de promover mais oportunidades para maior aproximação das crianças com a literatura infantil. Essa atividade visa estimular a imaginação, participação da família no processo de desenvolvimento da criança e a prática de leitura de forma lúdica e prazerosa.

Neste projeto, a proposta é que toda semana o aluno escolha um livro da biblioteca e o leve para casa para ter a oportunidade da leitura junto com a sua família. A sacolinha feita em TNT pela pesquisadora e decorada por eles existe com a função de facilitar o transporte do livro e como um elemento a mais para estimular as crianças.

Depois da leitura, o aluno registra no folheto da Ciranda do Livro o que mais lhe interessou na história, expressando seus sentimentos e emoções por meio de desenhos e escrita espontânea.

O livro, o caderno e o folheto devem ser retornados à escola na quinta-feira da outra semana para socialização com o grupo. A leitura é um recurso valioso e agradável para a predisposição ao aprendizado. Ao ler com a criança, o adulto deve encorajá-la em suas tentativas, ajudando-a sempre que for preciso. O mais importante é que a leitura seja uma experiência prazerosa para ambos.

Para isso, algumas dicas são importantes, como definir horário e local apropriados para a hora da leitura, desafiar a criança a descobrir do que fala a história, apresentando-lhe o título e a ilustração da capa, permitir que a criança faça parte da leitura, mesmo que ela ainda não saiba ler e, ao final da leitura, perguntar se a criança gostaria de recontá-la, deixar que a criança se envolva espontaneamente, permitindo que conte do seu modo, convidar o seu filho(a) para fazer um desenho sobre a história,

incentivar a criança a cuidar bem de seus livros e dos enviados pela escola e devolver o livro na data que foi combinada.

A avaliação de todo trabalho realizado foi por meio da análise dos dados obtidos durante o processo de realização do projeto. A percepção do desenvolvimento e satisfação das crianças, perceber os pontos a serem aprimorados e destacando/valorizando os pontos positivos para o desenvolvimento de um outro projeto de Contação de Histórias para crianças. A elaboração de um trabalho científico a partir da experiência desse Projeto como forma de registro, de recapitulação e de reflexão sobre todo o processo.

CAPÍTULO 3

RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Questionário

As respostas mais significativas indicaram que: a grande maioria das famílias contam histórias para as suas crianças; em torno de 3 a 4 vezes por semana, sendo que a mãe conta mais histórias, em segundo lugar ficou o pai, seguido de algum irmão mais velho. Também que a maior parte das famílias possui em torno de 20 a 50 livros em casa. Mas, também ficou claro que literatura infantil ainda é bem ausente entre muitas famílias dessa amostra de pessoas.

3.2 A Implementação do Projeto “Era uma vez...”

1º dia – Observação

Primeiro contato com as crianças e com a professora regente. A professora apresentou a pesquisadora para as crianças. Em seguida, explicou para a turma que seria desenvolvido um trabalho de observação na classe e, posteriormente, seria desenvolvido por ela um trabalho de contação de histórias. As crianças demonstraram curiosidade com a presença de uma pessoa diferente na classe e também pelo o que seria proposto. Auxiliei a professora com os alunos, como ela havia me solicitado. Percebi a turma bem desorganizada e difícil de lidar, a professora não conseguia se expressar, os alunos não se concentravam.

2º dia – História: *Quem quer brincar de pique-esconde?*

Um livro infantil da Editora FTD e autores Isabella e Angiolina D. Bragança. Traz a história de um macaco que brinca de pique-esconde com a bicharada: coelho, girafa, elefante, gambá, raposa, cobra, arara, camaleão. Cada animal com a sua principal diferença destacada e todos eles querem encontrar um lugar para ficarem bem escondidinhos. Quem vai conseguir ficar por último e vencer o macaco? Sim, o camaleão se camufla tão bem que o macaco não consegue encontrá-lo.

Além de mim, havia mais duas estagiárias, uma educadora social e outra do PIBID de Filosofia, penso que a presença de muitas pessoas tumultua ainda mais o ambiente. A sala estava muito desorganizada, os alunos eufóricos e sem qualquer tipo de controle, a professora regente não tem controle sobre a sua turma, fiquei um tanto assustada. Logo depois do recreio, fomos para um local no pátio, achei que sair daquele ambiente (sala) seria favorável. Contou-se a história, mas alguns alunos nem pararam para ouvir, eles pareciam afoitos, pareciam ter pressa para ir não sei onde, e nem eles sabiam. Logo depois da história, voltamos para a sala, conversamos (com muita dificuldade, pois eles não queriam ouvir) um pouco sobre a história, sobre as diferenças dos animais e sobre as nossas diferenças, cada um de nós é único e todos merecemos respeito. Alguns da turma participaram da discussão e outros nem quiseram saber do que estava acontecendo, continuavam com as suas peraltices. Pode-se perceber que quando eu contava olhando para eles, sem leitura, eles prestavam mais atenção no que eu falava e quando eu lia eles se dispersavam mais.

Mais tarde, propus a atividade da realização da oficina, a confecção (desenho, utilização lápis de cor e canetas hidrocores) de um autorretrato, enfatizando que cada um tem as suas próprias características peculiares que nos fazem ser únicos. Trabalhar com autorretrato ajuda o aluno a descobrir sua identidade, por isso a proposta. Trabalhamos algumas questões com perguntas pessoais de cada aluno: idade, nome, cor dos cabelos; e uma conversa sobre as características pessoais.

Saí da escola bastante desapontada, pensando no que poderia fazer com aquela turma tão desgovernada. Então, tive a ideia de dividi-los em pequenos grupos de 5 ou 6 alunos, para que tivesse mais autonomia e conseguisse conduzir melhor as nossas sessões de contação de histórias e as atividades correspondentes.

Penso que foi um momento de grande experiência, pois nem tudo acontece como planejamos ou esperamos. A dificuldade do momento me pôs a trabalho, pois era necessário um esforço maior para uma boa “saída”. Vejo que a atitude de mudança

(dividir a turma) foi uma alternativa que, pelo menos, fez com que tornasse possível trabalhar com aquela turma.

3º dia – História: *O Elefantinho Malcriado*

Um livro da autora Ana Maria Machado, Editora Moderna. Conta sobre a história de um filhote de elefante que morava num zoológico e, além de malcriado, ficava fazendo tromba para todo mundo. Até que todos resolveram ignorá-lo, ele ficou muito solitário e triste. Então, o elefantinho resolveu deixar de ser malcriado e tratar bem a todos. Dessa forma, ele voltou a ficar rodeado de amigos e muito feliz onde vivia.

Já com a turma dividida em grupos escolhidos (não aleatoriamente), fizemos as sessões na biblioteca. Facilitou um pouco o trabalho, apesar de ter que contar a mesma história quatro vezes, mas consegui um acesso mais direto às crianças. Alguns deles, ainda assim, resistiram em se assentar e se concentrar para ouvir a história. Preparei a atividade e a confecção de um marcador de livros de EVA com o desenho de um elefantinho, passei o molde do elefantinho para o EVA de caneta comum e recortei de forma grosseira para que os alunos aprimorassem o recorte posteriormente, seguindo o esboço marcado no EVA. Como a escola teve a visita de alguns índios e também a comemoração coletiva dos aniversários do primeiro quadrimestre, tivemos que realizar sessões mais curtas para que todos participassem da contação, embora não tenha sido possível realizar a atividade complementar com o marcador de livros confeccionado para tal.

Achei que foi melhor que no primeiro dia, mas ainda me sentia um pouco angustiada com aquela turma tão agitada, que parecia não ter regras, nem limites, era como um rebanho de ovelhas desgovernado. Mas eu continuava extremamente determinada em seguir o meu trabalho e vencer as dificuldades, o andamento das atividades deste dia despertou em mim mais ânimo e esperança de que daria certo a minha proposta.

4º dia – História: *Elefante Azul*

Da autora Sandra Celecina e Editora Franco. É uma história sobre o respeito a si mesmo e ao outro. Benjamim era um elefante atrapalhado. Por causa de sua forma de ser diferente, era obrigado a se pintar de azul todas as manhãs para se misturar com os demais. Com a ajuda do jabuti, que era um grande amigo seu, descobre a sua verdadeira identidade e mostra como devemos tolerar as diferenças e respeitar todos que nos cercam.

O trabalho já começava a aparecer com a sua sequência, o vínculo entre mim e as crianças já era perceptível, a turma continuava bem difícil de lidar. Mas eu confiava que a construção de laços afetivos entre nós poderia sair bom resultado, de carinho, compreensão e parceria.

Na sequência da leitura da história, realizamos a oficina, fizemos o marcador de livros que fora idealizado para a sessão anterior, era em formato de elefantinho e era azul. Foi bastante proveitoso, era perceptível a satisfação das crianças em realizar a confecção do elefantinho e poder levá-los para as suas casas.

As reações das crianças me deixavam bem animada para continuar e levar novidades (histórias, atividades e materiais para a contação de histórias) para encantá-los

Obs.: Apenas no primeiro dia de contação eu li a história, depois de perceber que eu conseguia mais atenção com a contação sem leitura, eu adotei essa forma de contação: contando, mostrando as imagens dos livros e olhando para cada criança à medida que a história se decorre.

5º dia – História: *Peixinhos*

Um livro de Monika Papescu e Editora Formato. Apresenta a seguinte sinopse da história: quando a Terra não era assim como hoje, quando os dinossauros nem existiam e as plantas eram todas diferentes, as águas eram divididas em cinco grandes lagos. Em cada lago viviam peixinhos – não como os que conhecemos hoje, mas peixinhos de uma só cor: ou eram amarelos, ou verdes, ou pretos, ou vermelhos. E cada um desses grupos achava que era o único grupo de peixes no mundo. Um dia, um riachinho que se formou entre um lago e outro deu início a uma nova história, pois os peixes foram se misturando e surgiram peixes das mais variadas formas, tamanhos e cores.

Já me remetia uma grande satisfação em ser reconhecida por aqueles alunos com carinho e era muito recíproco, eu já nutria uma grande afeição por eles. Percebia que eles gostavam de ir para as nossas sessões de contação de histórias, apesar de alguns ainda quererem chamar sempre mais a atenção fazendo coisas “fora de hora”.

Contamos a história e, como oficina, pintamos a sacolinha feita em TNT para a Ciranda dos Livros, marcando as suas mãos com tinta e formando o desenho de um peixe, pintamos também a água e as plantas aquáticas, para caracterizar o fundo de um lago, como na história contada.

Aproveitei para filmar alguns alunos dizendo o que achavam daquele nosso trabalho, de ter as histórias e, posteriormente, as atividades artísticas relacionadas à história contada. Todos eles, na maioria bem tímidos, relataram gostar daquele momento, das histórias e do que fazem depois das histórias, referindo-se às nossas oficinas.

Para mim era um misto de entusiasmo com o trabalho e com a receptividade positiva das crianças e também certa frustração por achar que o meu trabalho não estava sendo realizado como idealizei. Eram muitas as dificuldades para a realização desse trabalho. Até pedi ajuda para a vice-diretora, conversamos bastante e ela deu-me algumas sugestões como, por exemplo, explorar mais a biblioteca, que é muito estimulante para eles que não são acostumados a irem a bibliotecas. A ex-professora dessa turma, que se aposentou há apenas um mês, se propôs a me ajudar nas próximas semanas.

6º dia – História: *A Semente da Verdade*

Autora Patrícia Engel Secco, Editora Melhoramentos. Um conto sobre ética e honestidade que era assim: O passatempo preferido do menino Thai era cuidar do jardim e ele sabia fazer isso muito bem. As cerejeiras, as orquídeas e outras plantas que ele cuidava estavam sempre muito bonitas e viçosas. Quando o imperador chamou os meninos do reino para escolher seu sucessor, Thai foi correndo atender ao chamado do soberano. E ficou imensamente feliz quando o imperador disse aos garotos que o trono seria daquele que trouxesse a planta mais bonita, mais bem cuidada. Mas, infelizmente, por mais que Thai cuidasse com dedicação e carinho da semente, ele ficou muito envergonhado por aquele resultado, nem queria levar o seu vaso para o imperador ver. Mas o avô de Thai o aconselhou a levar e contar a verdade ao imperador, pois a verdade sempre vale a pena. Então, pediu perdão ao imperador e contou o que houve. Nesse

momento, o imperador ficou muito feliz com Thai e logo disse que ele seria o seu sucessor, pois fora o único que falara a verdade, todas as sementes que ele distribuiu estavam queimadas e não poderiam brotar. Somente Thai soube plantar a semente da verdade.

Essa turma continua sendo um “problema” na escola, a direção, os outros professores e funcionários comentam a todo o tempo o quão difícil está sendo lidar com essas crianças. Estão até pensando em trocar a professora.

Esta sessão foi bastante diferente das outras, a Marinalva (antiga professora desses alunos) foi para fazermos o trabalho em conjunto, ela é mais enérgica e se impõe com mais rigor. A disciplina da turma foi outra, bem mais favorável à nossa proposta ou a qualquer outra atividade pedagógica. Então, ao invés de dividirmos a turma, realizamos a sessão com todos de uma só vez, na biblioteca. As crianças se assentaram num tapete grande no chão, formando uma roda. Conteí a história e percebi que eles estavam bem atentos, ouvindo e prestando atenção, ansiosos para saber qual seria o final da história. Também perguntavam a todo o tempo qual seria a atividade que fariam depois da história, eles demonstravam gostar muito desses nossos momentos, apesar de serem bem agitados normalmente. Planejamos (eu e a Marinalva) também realizar com eles uma atividade em que plantariam sementes de flores, para que cuidassem em casa.

Com o andamento da sessão deste dia, fiquei ainda mais empolgada com o trabalho e mais disposta a criar novidades para esses alunos. Depois fomos para a sala de aula para a realização da nossa oficina, que era a confecção de uma flor de papel com dobradura, colorida (com lápis de cor) e recorte com tesoura. Já nesse momento, a turma se dispersou bastante novamente, ficaram agitados e de difícil comunicação, o que dava a entender era que o contato deles com a professora regente não era tão bom, não havia nenhuma ordem na sala quando estava sob o “comando” dela.

7º dia – História: *Maria Vai com as Outras*

Autora Sylvia Orthoff, Editora Ática. O significado de Maria vai com as outras: é uma pessoa que não tem opinião, que segue o comando dos outros, que se deixa convencer com facilidade. Essa é uma história que conta sobre uma ovelha chamada Maria. Onde as outras ovelhas iam, Maria ia também. O que as outras ovelhas faziam, Maria fazia também. A ovelha Maria era mesmo uma maria-vai-com-as-outras. Até o dia em que

descobriu que cada um pode ter o seu próprio caminho, basta querer. Então, Maria começou a tomar as próprias decisões e a fazer as suas escolhas independentes das outras ovelhas.

Eu e a Marinalva contamos a história, demonstrando o material ilustrativo para a turma toda na biblioteca. Depois, como oficina, plantamos sementes de flores em vasos com as crianças, era uma atividade planejada para a sessão anterior (A Semente da Verdade) e não foi realizada por falta de tempo. Tudo ocorreu como de costume, dentro do esperado, continuava um pouco difícil, mas, por outro lado, percebia que as crianças curtiam muito as nossas propostas. Demonstavam sempre muita empolgação e interesse pelas atividades. Acredito mesmo nisso, pois eram bem diferentes das propostas do cotidiano deles.

8º dia – História: *A Primavera da Lagarta*

Autora Ruth Rocha, Editora Formato. Nesta narrativa há uma lagarta comilona, dona Formiga furiosa e vários outros bichos. Bem no meio da clareira, debaixo da bananeira, os bichos da floresta resolveram fazer uma reunião! – Vamos acabar com ela! – eles gritavam em bando. Protestavam contra a lagarta. Não sabiam que a primavera devagar já vinha chegando. Então, as lagartas se transformaram em lindas borboletas e todos bichos ficaram impactados com tanta beleza e puderam entender que cada um tem o seu tempo e as suas diferenças. Devemos respeitar a todos!

Nesse dia, dividimos a turma em dois grupos para facilitar, pois eu estava sozinha novamente para conduzir a contação da história e as atividades da oficina (a Marinalva estava impossibilitada de continuar com a nossa parceria nas atividades. Tudo transcorreu bem, apesar da agitação das crianças que continuava. Realizamos a oficina, que era a confecção de uma borboleta, utilizamos rolo de papel higiênico vazio, cartolina, papel sulfite, cola, canetinhas, retalhos de papel laminado e fantasia coloridos. A maioria dos alunos conseguiu fazer a borboleta, porém alguns precisaram de ajuda.

Os alunos já demonstravam claramente um gosto pelas histórias e pelas oficinas, queriam sempre ir logo e vibravam quando eu os chamava. Também já era bem nítida a diferença entre eles no que diz respeito aos interesses pelos livros e pelas histórias, no início do projeto e atualmente. Alguns ainda queriam chamar a atenção fazendo coisas “fora-de-hora”, indevidas para o momento. Mas a maioria demonstrava grande interesse pelas narrativas, ficavam bem atentos a tudo que eu dizia e conseguiam fazer o reconto da história perfeitamente.

9º dia – História: *O Vestido Azul*

Autora Sandra Aymone, Fundação Educar, Editora Modelo. Essa narrativa é uma recriação de conto popular. Conta sobre uma menina chamada Talita, ela era pobre e desleixada, costumava ir à escola suja e com roupas rasgadas. Comovido com essa situação, seu professor junta dinheiro para comprar-lhe um vestido novo, um lindo vestido azul. Esse presente foi o início de uma grande mudança na vida de Talita, que começou a se cuidar mais e a realizar melhor as suas tarefas. Inspirados pela sensível melhora na aparência e nos cuidados pessoais da menina, os pai, os vizinhos, o bairro e, por fim, a comunidade vão se conscientizando de que é sempre possível tornar a vida um pouco melhor, por meio de ações individuais e coletivas.

Como neste dia seria a finalização do Projeto e ainda precisávamos inaugurar a nossa Ciranda de Livros, contamos a história e fizemos a oficina em sala de aula. Com a nova professora, a turma estava mais tranquila e a condução das atividades, conseqüentemente, estava mais fácil. Eles estavam sentados no chão em formato de roda. Depois da narração da história, conversamos diversos pontos sobre a importância da organização dos materiais e dos ambientes, da higiene pessoal, da reciclagem dos materiais e da coleta seletiva dos lixos. Então realizamos a oficina reciclando caixas de leite, transformando-as em porta-lápis. Para isso utilizamos: caixa de leite vazia, papel sulfite, desenhos impressos para colorir, lápis de cor e cola. No terceiro momento, foram para a biblioteca os grupos de cinco ou seis alunos para escolherem os livros que levariam para as suas casas junto com o folheto para atividade, dentro da “sacolinha”. A atual professora regente se comprometeu em continuar com a contação de história, semanalmente, e a Ciranda de Livros.

3.3 A participação dos alunos no projeto

Sobre as pessoas que contam histórias: a maioria dos alunos ouvem histórias em casa contadas pela mãe, seguido em menor número pelo pai e por algum irmão mais velho. Todos demonstram gostar de ouvir histórias contadas. Aqui alguns exemplos de falas dessas crianças sobre tal prática:

“Eu gosto de histórias, até... eu e minha mãe estamos lendo o livro do Pequeno Príncipe.” (G. R)

“Eu acho muito legal ter histórias aqui porque desde muito pequeno eu sempre ouvia as histórias que a minha mãe contava e eu gosto muito.” (G. R)

“Eu gosto muito de livrinhos e gostos das atividades que fazemos aqui na biblioteca, um dia eu quero fazer um carro bem maneiro. Prefiro as histórias do hotweels. O meu pai e a minha mãe não contam historinhas, só às vezes, a minha irmã conta.” (G. I)

“... a minha mãe conta historinha, ‘as vezes’.”

“... eu queria que acabasse todos os deveres de casa e todas as atividades e a gente ficasse aqui só relaxando e ouvindo historinhas!” (H. R)

“Agora o meu pai não está contando história de livro mais, ele só conta de revistinha do Maurício de Souza. Também tem muito tempo que ele não conta histórias para mim, é porque ele tá trabalhando muito, mas eu vou pedir para ele...” (H. E)

“Eu gosto muito de ouvir histórias aqui e também de fazer as atividades que fazemos depois das historinhas.” (I)

“Ninguém conta história para mim na minha casa. Nunca contaram.” (K)

“Eu gosto de vir aqui na biblioteca, bagunçar, brincar, pintar, ouvir a história do peixinho e as outras também. Sabe, quando eu crescer eu vou querer trabalhar num jornal, pra dar as notícias para os outros...” (J. G)

“A minha mãe não conta história para mim não, nunca conta.” (L. G.)

“O meu pai sempre conta história para mim, muito mais que a minha mãe. Eu acho várias coisas legais e que eu mais gosto é saber como que a história vai acabar.” (M. M)

“...eu gosto muito de ler revistinha!” (M. T)

“Eu gosto das histórias, de ler, de desenhar e de colorir.” (M. E.)

“Eu gosto de todo tipo de histórias, mas a minha mãe e meu pai quase nunca contam.”

“A minha mãe não conta e faz tanto tempo que o meu pai não conta historinha que eu já estou querendo que ele conte de novo. Eu vou pedir para ele.” (M. G)

“Eu adoro historinhas e canso de pedir para a minha mãe contar historinha para mim, mas ela não conta.” (N. K)

“Eu acho muito legal ter historinhas aqui na escola.” (N.K)

“... eu também gosto de historinhas, só a minha irmã que contava de vez em quando para mim, agora ela não conta mais.” (S. L)

“Eu gosto de ler, de pintar e ouvir as historinhas.” (S. U.)

“Eu gosto muito que conta histórias, o meu pai conta para mim sempre.” (T.)

“Eu adoro as historinhas e a minha mãe sabe disso, ela conta histórias para mim quase todos os dias na hora de dormir, ela sabe que eu adoro.”(G.R)

“O meu pai conta sempre a história da formiguinha...” (Z.)

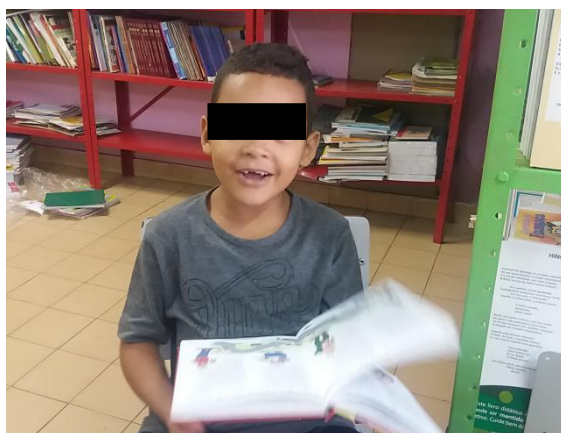
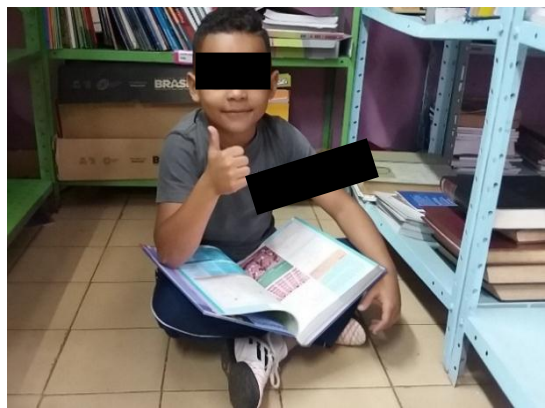
Com o decurso do projeto, era perceptível uma transformação nas atitudes e posicionamentos das crianças em relação às nossas atividades. O envolvimento dos alunos no momento da contação de história foi melhorando a cada sessão: já prestavam mais atenção, mostravam-se mais interessados e bem mais empenhados ao que era proposto.

Durante uma sessão de contação de história, um aluno bem tímido, calado e quieto, deixou a timidez de lado e se manifestou, disse a um colega assim: *“... para de falar, você está atrapalhando, não está deixando eu ouvir a história direito e eu quero escutar direito...!”* (M. L).

O caso mais marcante: J. G. antes, durante e depois do Projeto de Contação de História

Para mim, J. G. é um dos alunos que mais se destaca pela sua falta de limites e rebeldia, durante as aulas ele não consegue permanecer em sala de aula, sai sem permissão e enfrenta quando o reprimem, acha ruim e não muda a sua conduta. Logo no início, percebi que seria um aluno difícil de lidar, cheguei a dizer que aquelas atividades propostas eram tudo “bobeira”. Então achei melhor lidar com ele com muita calma e jeito, à medida que as nossas sessões de contação de histórias foram acontecendo, fui percebendo uma grande mudança em seu comportamento, percebia que ele já se interessava mais pelas histórias e, aos poucos já conseguia ouvir a história toda bem interessado e sem atrapalhar o andamento da contação, como ele costumava fazer. Também já participava das oficinas e contribuía com as suas ideias, folheava livros da biblioteca com atenção e bem empenhado.

No decorrer da nossa sexta sessão, ele disse: *“...eu gosto das histórias e dessas coisas que a gente faz aqui, não queria que acabasse!”*



O caso da M.M, o antes e o depois

M.M., desde o início, se mostrou uma criança de personalidade forte, com as suas opiniões bem definidas. Em um dos primeiros dias do projeto, ela não quis participar de uma sessão, ficou na sala de aula, disse que “*não gostava daquelas coisas*”. Com o passar do tempo, percebi que M.M. foi se interessando mais pelas nossas histórias e atividades. Nos últimos dias do projeto, já havia parceria entre nós, ela era muito criativa e envolvida ao que era proposto, sempre ouvia a história com muita atenção e realizava as oficinas com capricho.

Ela dizia: ...”*eu queria que continuasse essas histórias aqui, porque eu gosto muito*” e “*Ah... por que que tem que acabar essas atividades que fazemos aqui? Por que não pode continuar? Ah não... eu quero que continue, eu gosto!*”.



3.4 A importância do espaço diferenciado, dos adereços e a cultura do estabelecimento das relações ambientada pela pesquisadora

Aqui se destaca a importância do professor em criar uma atmosfera favorável e situações positivas para conduzir o aluno ao encontro da literatura. Os professores têm o desafio de buscar, dentro do processo educativo, formas criativas para atrair os alunos para obras literárias e incentivar o gosto pela leitura escolar através do gosto pela leitura como um todo. O professor pode utilizar recursos diversos para promover experiências agradáveis, criativas, interessantes e prazerosas em relação aos livros, como bonecos, cenários, oficinas, teatralização, reconto, criação de livros, músicas e muitos outros.

Percebeu-se que era grande a diferença no comportamento das crianças quando estavam em sala de aula sob a regência da primeira professora deles e quando estávamos na biblioteca. Na sala de aula, era quase impossível conseguir uma concentração ou participação mais efetiva nas atividades deles, ficavam a todo o tempo muito agitados, faziam muito barulho e, o pior, ninguém ouvia ninguém. Na biblioteca, eles ficavam menos agitados, sendo mais possível um trabalho que requeria concentração e atenção deles.

Então, ao refletir sobre essa questão, me pergunto: quais foram os fatores que determinam ou contribuem para ocorrer essa diferença? Por que era tão difícil realizar um trabalho pedagógico ou mesmo de contação de história com essa turma? Será por uma influência de um relacionamento conturbado entre a turma e a primeira professora regente? Será que foi possível na biblioteca só por ser um número menor de crianças? Será pelo fato de ser um momento de contação de história e isso lhes remete alegria e prazer?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse trabalho, pode-se constatar a magnitude da prática de contação de histórias no desenvolvimento infantil, pois além de ser um ato de carinho por parte do adulto, também tem a função de estímulo, pois exerce a função de instigar a imaginação, a criatividade e a oralidade da criança, além de contribuir na formação da personalidade da criança, envolvendo o social e o afetivo. As histórias infantis são relevantes na formação de qualquer criança, “...escutá-las é o início da aprendizagem para um ser leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e compreensão de mundo...” (ABRAMOVICH, 2003). É ouvindo histórias e vendo as suas próprias histórias que elas aprendem desde muito cedo a tecer narrativamente sua experiência e, ao fazê-lo, vão se constituindo como sujeitos culturais. Dessa forma, se tornam seres narrados e seres narradores, gradativamente. Além disso, o texto literário dá a oportunidade de se emocionar, se divertir e sentir prazer, e ainda informa acerca do mundo e das relações humanas.

Na relação de infância e literatura infantil na vida das crianças, ressalta-se a amplidão dos benefícios de se ler em voz alta para crianças e trabalhar literatura em sala de aula para estimular nelas o gosto pela leitura, o enriquecimento do vocabulário e a imaginação. As narrativas colaboram para a criança conseguir lidar melhor com suas angústias, projetando-as nessas histórias e podendo se identificar com personagens, oportunizando à criança um material imaginativo, que poderá auxiliá-la a lidar com seus conflitos internos. Dessa forma, a literatura infantil atua como um instrumento motivador e desafiador, o início de uma transformação do indivíduo em um sujeito ativo que sabe pensar, responsável pela sua aprendizagem e suas escolhas, que compreende o contexto em que vive e constrói a própria trajetória de vida de acordo com o seu desejo.

Cabe à escola trabalhar para ampliar as competências que a criança possui antes mesmo da alfabetização, tendo em vista que é imprescindível um trabalho de qualidade e efetivo de valorização e prática da leitura desde cedo. Os professores devem criar meios e estratégias para que os seus alunos possam experimentar o prazer de ler e apreciar a leitura de um bom livro. Contar histórias é ligar a literatura ao lúdico, ao prazer; é criar um ambiente de encantamento, suspense, surpresa e emoção. Para isso, é bom que se abuse da criatividade, utilizando elementos como cenários, bonecos, adereços, músicas,

sons, elementos de faz de conta, fantoches. São estratégias utilizadas que se demonstram eficazes na Arte de Contar Histórias, aliando ao trabalho pedagógico toda a produção e criação artística, incluindo a dos alunos, o que ajuda a aproximar a criança da fantasia e facilita, ainda mais, o estímulo do imaginário.

A escola deve valorizar sempre o livro, a leitura; também deve criar momentos prazerosos de aproximação dos alunos com a literatura e incentivar a prática da leitura, visando a formação de leitores no ambiente escolar. Segundo Ziraldo (1988, p. 27): “... *a tônica da escola deveria ser a leitura, num trabalho que fizesse do hábito de ler uma coisa tão importante quanto respirar*”.

Identificamos como fator limitador da pesquisa a dificuldade de obter mais informações sobre a história de vida de cada participante da pesquisa. Isso para compreendermos mais sobre o contexto e experiência de cada um e, conseqüentemente, propor atividades mais direcionadas e intervenções individualizadas. Porém, apontamos algumas possibilidades de ampliação e aprofundamento de estudos futuros sobre o tema, como: a) a relação entre o narrador e o seu ouvinte na atividade de contação de histórias, b) a relação da própria história e a literatura infantil, c) o trabalho pedagógico com produção narrativa das crianças e d) o trabalho com as diferentes formas de leitura: objetiva, inferencial e crítica/reflexiva.

Enfim, entendemos que essa pesquisa apresenta contribuições na área da Educação, visto que utilizamos como instrumentos metodológicos atividades realizadas no cotidiano escolar e adotamos estratégias que foram eficazes na valorização da literatura infantil. Por meio desse estudo pode-se perceber que a prática de contação de histórias, aliada às atividades realizadas durante as oficinas, funcionou como uma forma de valorizar e aproximar as crianças à literatura, bem como de estimular a criatividade e o gosto pela leitura. O vínculo afetivo entre a pesquisadora e as crianças mostrou-se como um componente extremamente favorável à evolução do projeto de contação de histórias. O crescente interesse e entusiasmo dos alunos participantes em relação às sessões de contação de histórias e das oficinas de atividades realizadas e pela leitura foram fatores decisivos para acreditar-se que os objetivos desse projeto foram alcançados e que propostas como essa valem a pena, pois envolvem muitos benefícios na vida dessas crianças, além de contribuir com a ampliação de conhecimentos na área de Educação e abrir portas para outros estudos.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. “Por uma arte de contar histórias” In: *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. SP: Scipione, 1997.
- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 2003.
- ANTUNES, Celso. *Como desenvolver competências em sala de aula*. Ed. Vozes. Petrópolis, 2001.
- BATTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Tradução de Arlene Caetano. 21ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- CADEMARTORI, L. *O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes. Conversas com o professor; I*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil. História – Teoria – Análise*. 4ª Edição - São Paulo: Ed. Quíron, 1987.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil*. São Paulo: Ed. Moderna, 2000
- COLL, César; PALACIOS, Jesús; MARCHESI, Alvaro (orgs.). *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1996. (Volume 02).
- COSSON, Rildo, (2007). Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto.
- FIVUSH, R. (1991). *The social construction of personal narratives*. Merrill-Palmer Quartely, 37(1), 59-82.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- GALVÃO, Izabel. *Henri Wallon: Uma Concepção Dialética do Desenvolvimento Infantil*. 7ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000
- GARCIA, Edson Gabriel. *A Leitura na Escola de Primeiro Grau*. Ed. Loyola – São Paulo, 1992.
- GIRARDELLO, Gilka. Voz, presença e imaginação: A narração de histórias e as crianças pequenas. In: FRITZEN, Celdon e CABRAL, Gladir S. (orgs.). *Infância: Imaginação educação em debate*. Campinas, SP: Papirus, 2007. Disponível em: <<http://botucatu.sp.gov.br/Eventos/2007/contHistorias/artigos/aNarracao>>. Acesso em: 19/06/2017.
- GONZÁLEZ REY, F. (2005). O valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica. In: Gonzáles Rey, F. (org.). *Subjetividade, complexidade e pesquisa em Psicologia*. São Paulo, Thomson.
- GRAINGER, Theresa: *Traditional Storytelling in the primary classroom*. Warwickshire, Scholastic, 1997.
- MATENCIO, Maria de Lourdes M. *Letramento e formação do professor: práticas discursivas, representações e construção do saber*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005.
- NÓVOA, Antônio. Relação escola-sociedade: “novas respostas para um velho problema”. In: SERBINO, Raquel Volpato et al. (org.). *Formação de Professores*. São Paulo: Unesp, 1998.
- OLIVEIRA, M. K. *Vigotski: aprendizado e desenvolvimento: um desenvolvimento sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1997.
- PACHECO, José. Entrevista: “O professor deve ser um mediador de conhecimentos”.

- <http://www.revistaforum.com.br/2013/07/31/entrevista-com-jose-pacheco-da-escola-da-ponte-o-professor-deve-ser-um-mediador-de-conhecimentos/> Acessado em 15/06/2017
- PIAGET, J.; INHELDER, B. *A psicologia da criança*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- PIAGET, Jean. *A Formação do Símbolo na Criança*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978
- PILETTI, Nelson; ROSSATO, Solange Marques. *Psicologia da aprendizagem: da teoria do condicionamento ao construtivismo*. São Paulo: Contexto, 2011.
- PINTO, Ana Lucia Guedes; GOMES, Geisa Genaro; SILVA, Leila Cristina Borges. Percursos de Letramento dos Professores: Narrativas em Foco: KLEIMAN, Ângela B, SOSA, Jesualdo. *A literatura infantil*. 9ª Edição, São Paulo: Cultrix; Edusp, 1993.
- SOUZA, C. (Auto)biografia, Identidades e Alteridade: Modos de narração, escritas de si e práticas de formação na pós-graduação. In: *Revista Fórum Identidades*. vol.4, p.37-50 jul/dez. Sergipe, 2008.
- RAPPAPORT, Clara Regina; FIORI, Wagner da Rocha; DAVIS, Cláudia. *Psicologia do desenvolvimento: teorias do desenvolvimento – conceitos fundamentais*. São Paulo: EPU, 1981.
- REGO, Teresa Cristina. *Vigotski: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. 25. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- RODRIGUES, Marisa Casenza, RIBEIRO, Nathalie Nehmy e CUNHA, Priscila Campos. *Leitura mediada com enfoque sociocognitivo: avaliação de uma pesquisa intervenção*. Paidéia, vol. 22, n. 53, p. 393-402, set/dez, 2012.
- SANTOS, Michelle Steiner dos; XAVIER, Alessandra Silva; NUNES, Ana Ignez Belém Lima. *Psicologia do desenvolvimento: teorias e temas contemporâneos*. Brasília: Liber Livro, 2009.
- VERSOLLA, Beatriz Lopes Porto, ISOTANI, Selma Mie e PERISSINOTO, Jacy. *Jornal da Sociedade Brasileira Fonoaudiologia*, vol. 24, n.1, p.62-69, 2012.
- VIGOTSKI, L.S. *O Desenvolvimento Psicológico na Infância*. São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- VIGOTSKI, L. S. (1934/2001). *A Construção do Pensamento e da Linguagem* (P. Bezerra, Trans. 1 ed.). São Paulo: Martins Fontes (Orig.: Michliêníe i Rietch, Moscow, 1934).
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed.
- ZIRALDO. *A escola não está preparada para a mágica da leitura*. Nova Escola, Fundação Victor Civita, nº. 25, out. 1988.

PARTE III

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

FAÇA, TENTE, VIVA, BUSQUE SEMPRE O SEU MELHOR!

Recentemente, consegui aprovação para o cargo de professora/pedagoga, em concurso público do Distrito Federal. Estou extremamente feliz com mais essa conquista e bem ansiosa para iniciar logo o meu trabalho docente. Pretendo exercer a minha profissão de professora com muita competência e dedicação, realizar uma especialização em Psicopedagogia e um mestrado também nessa área. Penso que a área de educação requer um preparo contínuo sempre e não podemos parar de nos desenvolver, nos aprimorar, buscar a realização dos nossos desejos, crescer e sonhar!

ANEXOS

Fotos:







UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Faculdade de Educação

Departamento de Teoria e Fundamentos

Pesquisa: Importância da Contação de História no Desenvolvimento Infantil

Orientadora: Prof^a. Sandra Ferraz

Pesquisadora: Rosana Maria Pontelo Bahia

TERMO DE CONSENTIMENTO

Para menor de idade

Meu nome é **Rosana Maria Pontelo Bahia**¹ aluna do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, matrícula UnB no. 11/0121431, sob a orientação da Prof^a Dr^a Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire². Estou realizando uma pesquisa sobre a importância da contação de história no primeiro ano. Para isso, gostaria de solicitar sua autorização para que seu filho ou filha participe de algumas atividades pedagógicas que serão conduzidas em sala aula de abril à junho de 2017.

Esclareço que as atividades serão conduzidas pela professora regente e por mim durante o horário normal de aula, em espaço a ser definido com a professora e diretora. As atividades consistirão em momentos de contação, leitura e atividades relacionadas com um grupo reduzido de crianças. As informações pessoais de seu (sua) filho (a) serão preservadas, ele (a) não será identificado(a) no trabalho; não existe nenhum risco potencial para ele(a); lhe é garantido a possibilidade de desistir em qualquer momento da atividade. Qualquer dúvida em relação ao estudo você pode me contatar por meio do [retirado].

A participação de seu (sua) filho (a) é muito importante para o desenvolvimento da pesquisa. Desde já, agradeço sua inestimável contribuição.

() **autorizo meu (minha) filho (a) a participar deste estudo**

Local e data: _____

Nome do(a) aluno (a): _____

Endereço do(a) aluno (a): _____

Nome do(a) responsável pelo(a) aluno (a): _____

RG ou CPF: _____

Telefone do(a) responsável: _____

E-mail do(a) responsável: _____

Assinatura do(a) responsável: _____

¹ Contato: 9999999999 – E-mail: @@@@ @@@@;

² Contato: 9999999999 – E-mail: @@@@ @@@@;



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Educação
Departamento de Teoria e Fundamentos
Pesquisa: Importância da Contação de História no Desenvolvimento Infantil
Orientadora: Prof^a. Sandra Ferraz

PROJETO DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS
“ERA UMA VEZ...”

Rosana Maria Pontelo Bahia

Local: Escola Classe

Período: 13/04/2017 à 13/06/2017

Público Alvo: Alunos (6, 7 e 8 anos) da Sala Alaranjada do turno da manhã.

Justificativa: Esse tema se justifica por acreditar na grande importância que a literatura tem na própria constituição dos sujeitos e na formação de leitores. O contato com a literatura pode oferecer às crianças o material simbólico inicial para que possam ir descobrindo não apenas quem elas são, mas também quem elas querem e podem ser. Além de exercitar a concentração e o ato de ouvir, estimula a curiosidade, ajuda a ampliar o vocabulário e, ainda, funciona como um poderoso instrumento de incentivo à leitura

Metodologia:

1. Aplicar um questionário às famílias dos alunos, para uma sondagem da presença e valorização da prática de contação de histórias em casa.
2. Dividir a turma em 04 grupos de 5 ou 6 alunos, para facilitar as atividades que serão realizadas nas quintas-feiras na biblioteca da Escola 115 Norte. Também, com isso formar um grupo experimental, para analisarmos os resultados da prática frequente de contação de histórias no desenvolvimento da criança.

Grupos e horários:

- 1) Grupo 1: de 7:50 às 8:40h
- 2) Grupo 2: de 8:45 às 9:35h
- 3) Grupo 3: de 10:30 às 11:20h
- 4) Grupo 4: de 11:25 às 12:15h

(Obs.: A coordenadora do Projeto “Era Uma Vez...” fica responsável por apanhar os alunos na sala de aula e leva-los até a biblioteca)

3. Em cada semana vamos trabalhar uma história diferente, procurando trazer uma mensagem positiva que contribua para a formação de valores. Cada história acompanhará suas atividades relativas.

- Escolher uma história de acordo com a faixa etária e que apresente uma mensagem capaz de transmitir valores e estimular a criança.
- Selecionar uma forma de apresentar esta história para as crianças por meio da sua leitura e/ou da sua narração.
- Fazer um planejamento de atividades que possam potencializar esta história, harmonizando os elementos do enredo com a mensagem educacional que ela traz.
- Avaliação por meio de observação durante as sessões, atividades realizadas, mudança de atitudes, bem como identificar indicadores de interesse e satisfação da criança.

Avaliação:

Analisar os dados obtidos durante processo de realização do Projeto. Observar o desenvolvimento e satisfação das crianças, perceber os pontos a serem aprimorados e destacando/valorizando os pontos positivos para o desenvolvimento de um outro Projeto de Contação de Histórias para crianças. Elaborar um trabalho científico a partir da experiência desse Projeto.

Cronograma de histórias:

História	Atividades
1. História: <i>Quem quer brincar de pique-esconde?</i>	Contou-se a história no pátio da Escola, logo depois voltamos para a sala de aula, conversamos sobre a história, sobre as diferenças dos animais e sobre as nossas diferenças, cada um de nós é único e todos merecemos respeito. Mais tarde, propus a atividade da realização da oficina, a confecção (desenho, utilização lápis de cor e canetas hidrocores) de um autorretrato, enfatizando que cada um tem as suas próprias características peculiares que nos fazem ser únicos. Trabalhamos algumas questões com perguntas pessoais de cada aluno: idade, nome, cor dos cabelos; e uma conversa sobre as características pessoais.
2. História: <i>O Elefantinho Malcriado</i>	Já com a turma dividida em grupos escolhidos, fizemos as sessões na biblioteca. Facilitou um pouco o trabalho, a história foi contada quatro vezes, uma com cada grupo. Depois de cada contação da história conversamos sobre a mensagem e sobre o que eles pensavam sobre o assunto. Preparei uma atividade para a nossa oficina, mas não foi possível a sua realização neste dia, pois a escola teve a visita

		de uns índios e uma comemoração coletiva de aniversários.
3. História:	O	Na sequência da leitura da história, realizamos a nossa conversa sobre o que a história traz e o que as crianças pensavam a respeito. Depois realizamos a oficina, confeccionamos o marcador de livros que fora idealizado para a sessão anterior. Era em formato de elefantinho e era azul, feito em EVA, passei o molde do elefantinho para o EVA de caneta comum e recortei de forma grosseira para que os alunos aprimorassem o recorte seguindo o esboço marcado no EVA. Era perceptível a satisfação das crianças em realizar a confecção do elefantinho e poder levá-los para as suas casas.
4. História:		Contamos a história, realizamos um “bate-papo” sobre o conteúdo da história e, como oficina, pintamos a sacolinha feita em TNT para a Ciranda dos Livros, marcando as suas mãos com tinta e formando o desenho de um peixe, pintamos também a água e as plantas aquáticas, para caracterizar o fundo de um lago, como na história contada. Também, realizei uma entrevista com os alunos, interrogando-os sobre o que achavam daquele nosso trabalho, de ter as histórias, as nossas conversas e as atividades artísticas relacionadas à história contada.
5. História:	A	Esta sessão foi bastante diferente das outras, a Marinalva (antiga professora desses alunos) me ajudou. Então, ao invés de dividirmos a turma, realizamos a sessão com todos de uma só vez, na biblioteca. As crianças se assentaram num tapete grande no chão, formando uma roda. Conte a história, aproveitamos o tema para debatermos mais, inclusive sobre as experiências de cada um que quisesse se manifestar. Na sequência realizamos a nossa oficina em sala de aula, era a confecção de uma flor de papel com dobradura, colorida (com lápis de cor) e recorte com tesoura. Planejamos (eu e a Marinalva) também realizar com eles uma atividade em que
	da	
	da	
	Verdade	

		plantariam sementes de flores, para que cuidassem em casa. Mas não foi possível neste dia, pois não tínhamos tempo suficiente para isso, ficou para o nosso próximo encontro.
6. História: <i>Primavera da Lagarta</i>	A da	Nesse dia, dividimos a turma em dois grupos para facilitar, pois eu estava sozinha novamente para conduzir as nossas sessões. Conteí-lhes a história, conversamos a respeito e realizamos a oficina, que era a confecção de uma borboleta, utilizamos rolo de papel higiênico vazio, cartolina, papel sulfite, cola, canetinhas, retalhos de papel laminado e fantasia coloridos. A maioria dos alunos conseguiu fazer a borboleta, porém alguns precisaram de ajuda.
7. História: <i>Vestido Azul</i>	O	Contei a história em sala de aula com os alunos assentados no chão em formato de roda. Depois da narração da história, conversamos apontando diversos pontos sobre a importância da organização dos materiais e dos ambientes, da higiene pessoal, da reciclagem dos materiais e da coleta seletiva dos lixos. As crianças participaram bastante desse “Bate-papo”, trazendo relatos sobre vivências deles. Mais tarde, realizamos a oficina reciclando caixas de leite, transformando-as em porta-lápis. Para isso utilizamos: caixa de leite vazia, papel sulfite, desenhos impressos para colorir, lápis de cor e cola. Na sequência, fomos para a biblioteca, grupos de cinco ou seis alunos para escolherem os livros que levariam para as suas casas junto com o folheto para atividade, dentro da “sacolinha”. E assim, inauguramos o Projeto da “Ciranda de Livros”. A atual professora regente se comprometeu em continuar com a contação de história, semanalmente, e a Ciranda de Livros.

Referências:

- AYMONE, S. *O Vestido Azul* – Editora Fundação Educar, 2015
 BRAGANÇA, A. D. *Quem quer brincar de pique-esconde?* - Editora FTD, 2006.
 CELECINA, S. *O Elefante Azul* – Editora Franco, 2015.
 MACHADO, A. M. *O Elefantinho Malcriado* – Editora Moderna, 2011.

ORTHOF, S. *Maria Vai com as Outras* – Editora Ática, 2005.

PAPESCU, M. *Peixinhos* – Editora Formato, 2008.

ROCHA, Ruth. *A Primavera da Lagarta* – Editora Moderna, 2011.

SECCO, P. E. *A Semente da Verdade* – Editora Fundação Educar, 2001.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Faculdade de Educação

Departamento de Teoria e Fundamentos

PESQUISA: Contação de histórias e a literatura infantil na formação de leitores na escola

Autora: **Rosana Maria Pontelo Bahia**

Orientadora: Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire

Prezados mãe, pai e familiares

Quando as crianças entram para o ensino fundamental, geralmente na faixa etária de 6 a 7 anos, elas se encontram em um período muito intenso e importante na vida delas, relacionado ao desenvolvimento social, emocional e cognitivo. Tudo isso ocorre por meio da interação com os seus pares e com os adultos, na família e na escola.

É o momento importante de novas rotinas que elas encontram na escola, novas responsabilidades e expectativas, não é? Há necessidade de um acompanhamento pedagógico sistemático por parte dos professores e dos pais, pois as crianças estão em processo de alfabetização e letramento. A conquista da leitura, da escrita e do cálculo precisa de estímulos e de valorização constantes para que a criança se empenhe no processo de aprendizagem. A alfabetização e o letramento podem se tornar mais fascinante e envolvente a cada dia.

Pensando nisso, vamos desenvolver, na sala de aula, o **Projeto “Era uma vez...”**, visando trabalhar a contação de histórias de forma prazerosa, lúdica e contextualizada. Assim, as crianças poderão ter contato com vários gêneros literários ouvindo, brincando e conversando sobre as histórias.

Para que a leitura aconteça também em casa, teremos também o **Projeto “Ciranda do Livro”**, que funciona da seguinte forma: cada criança receberá um livro de histórias toda quinta-feira para ler com a família e deverá devolvê-lo na próxima segunda-feira. A sacolinha do Projeto servirá para transportar o livro e as atividades referentes à Ciranda do Livro”. Lembrando sempre que os livros devem ser muito bem cuidados e devolvidos na data marcada.

Por oportuno, contamos com a colaboração das famílias. Pedimos que leiam histórias para as suas crianças sempre que possível, dessa forma incentivando e estimulando-os a entrarem no mundo dos livros com prazer. Solicitamos, que os pais respondam este pequeno questionário para darmos início às nossas atividades.

Agradecemos

Rosana Pontelo, estagiária, e equipe da escola.

QUESTIONÁRIO

Aluno(a): _____ sala: _____

Respondente: _____

1. Alguém da família tem o hábito de contar histórias para a sua criança
() Sim () Não

2. Quantas vezes na semana alguém conta histórias
() raramente isso acontece;
() 1 ou 2 vezes/semana;
() 3 ou 4 vezes/semana;
() 5 ou 6 vezes/semana;
() Todos os dias da semana.

3. Quem conta histórias para a sua criança, na maioria das vezes?
Qual é o parentesco que possuem?

4. Que tipo de histórias são mais contadas?

5. Há o uso de livros quando contam histórias?
() Sim () Não

6. Quantos livros de histórias infantis vocês possuem em casa?
() de 0 a 10 () de 20 a 50
() de 10 a 20 () mais que 50

Muito obrigada pela contribuição,

Um abraço,

Estagiária Rosana (UnB) e Equipe da Escola Classe

CIRANDA DO LIVRO



Como funciona o projeto “Ciranda do Livro”?

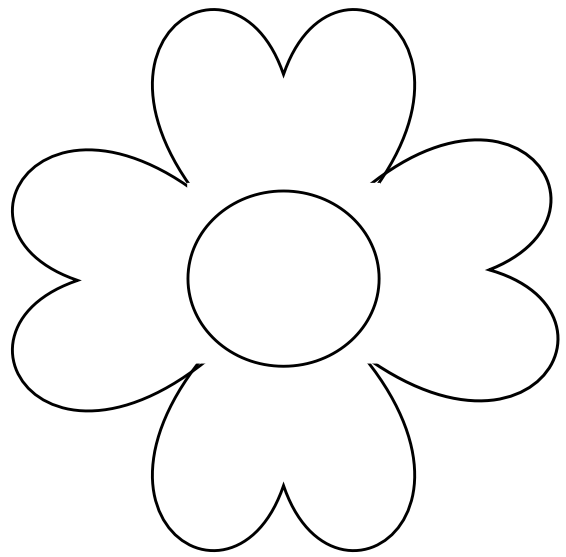
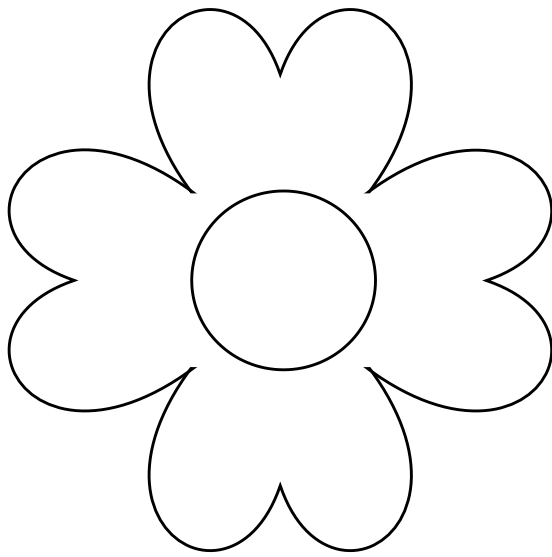
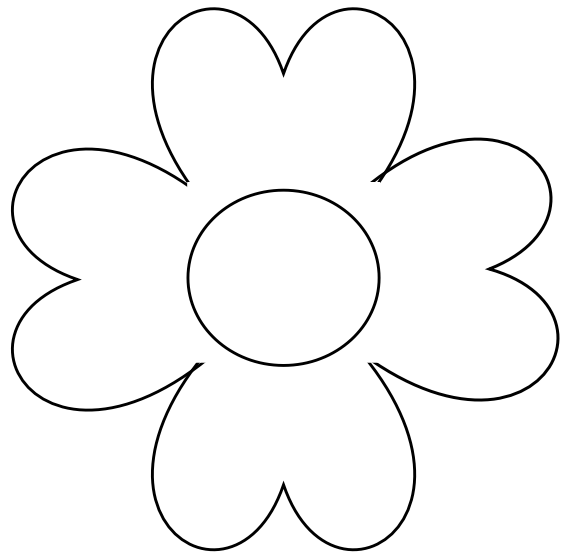
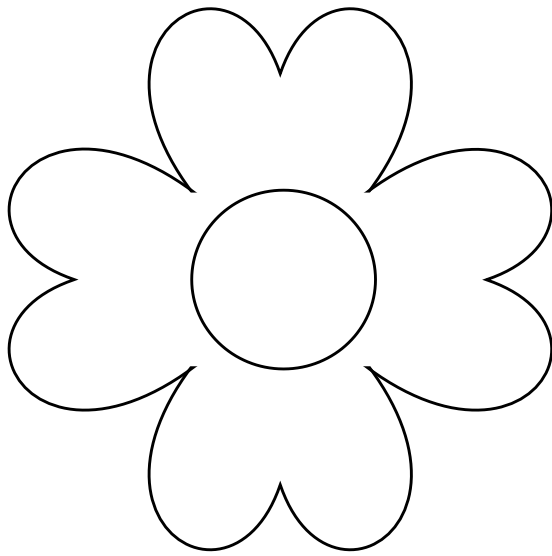
O projeto Ciranda do Livro vai acontecer assim: a cada semana o aluno escolhe um livro da biblioteca, leva-o para casa faz a leitura com a sua família e registra no folheto da Ciranda do Livro o que mais lhe interessou na história, expressando seus sentimentos e emoções por meio de desenhos e/ou escrita espontânea.

O livro e o folheto retornam à escola na próxima quinta-feira para socialização com o grupo. A leitura é um recurso valioso e agradável para a predisposição ao aprendizado. Ao ler com a criança, o adulto deve encorajá-la em suas tentativas, ajudando-a sempre que for preciso. O mais importante é que a leitura seja uma experiência prazerosa para ambos.

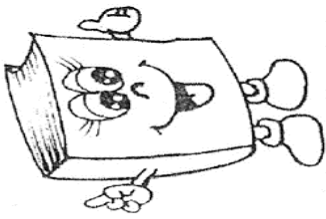

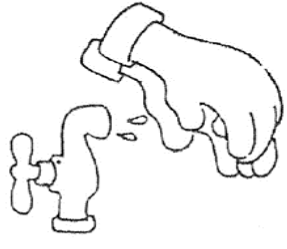
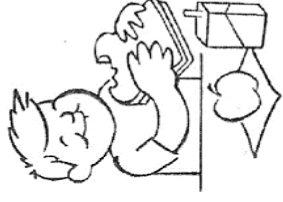
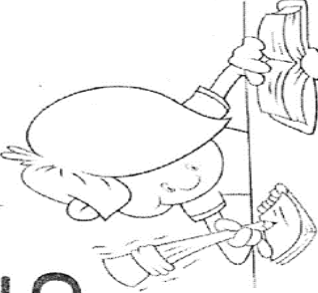
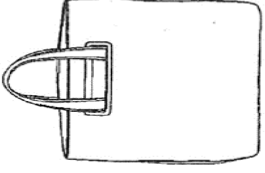
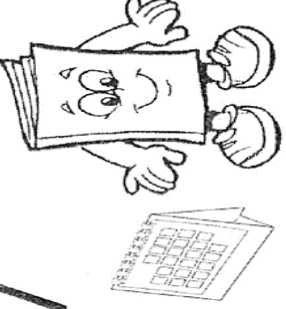

Para isso, vale seguir algumas dicas:

- ✓ Defina horário e local apropriados para a hora da leitura. As crianças, desde cedo, precisam perceber que o momento de estudo é importante e não pode ser deixado para trás.
- ✓ Desafie seu filho(a) a descobrir do que fala a história, apresentando-lhe o título e a ilustração da capa.
- ✓ Permita que a criança faça parte da leitura, mesmo que ela ainda não saiba ler. Por exemplo: vire páginas, comente sobre as imagens e os trechos que mais chamam a atenção dela no decorrer da história.
- ✓ Ao final da leitura, pergunte se a criança gostaria de contá-la para você ou a alguém da família. Nesse momento, deixe-a expressar-se espontaneamente, permitindo que conte do seu modo, pois esse recurso lhe transmitirá segurança, além de favorecer a construção de uma postura leitora.
- ✓ Convide seu filho(a) para fazer um desenho sobre a história. Você pode anotar tudo o que ele(a) falou.
- ✓ Incentive a sua criança a cuidar bem de seus livros e dos enviados pela escola e devolver o livro na data que foi combinada. Desenvolver atitudes de responsabilidade para com os materiais de uso pessoal e coletivo é tarefa de todo estudante, e os pais devem ajudar nessa tarefa.

Contamos com a colaboração de vocês e agradecemos,
Rosana (Estagiária UnB) e Equipe da Escola Classe

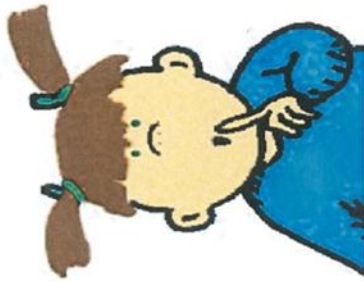


COMBINADOS PARA A CIRANDA DO LIVRO

<p>1</p>  <p>CUIDAR BEM DO LIVRO!</p>	<p>2</p>  <p>PEDIR A ALGUÉM DA FAMÍLIA PARA LER COM VOCÊ!</p>	<p>3</p>  <p>LAVAR AS MÃO ANTES DE PEGAR O LIVRO!</p>	<p>4</p>  <p>NÃO COMER OU BEBER PERTO DO LIVRO!</p>
<p>5</p>  <p>FAZER A ILUSTRAÇÃO DA HISTÓRIA CONTADA!</p>	<p>6</p>  <p>GUARDAR O LIVRO NA SACOLINHA!</p>	<p>7</p>  <p>FIQUE ATENTO A DATA DE ENTRAGAR O LIVRO!</p>	<p>8</p>  <p>NÃO ESQUECER DE LEVAR O LIVRO!</p>

COMBINADOS PARA O PROJETO "ERA UMA VEZ..."

1
FAÇA SILÊNCIO!
E OUÇA COM ATENÇÃO!



2
LEVANTAR AS MÃOS
PARA FALAR



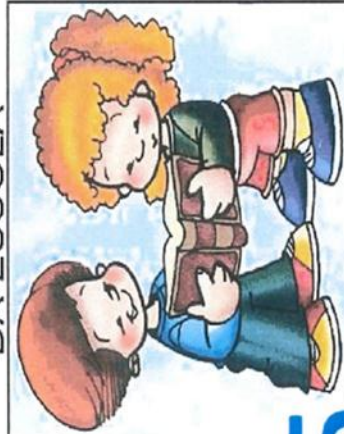
3
RESPEITE A
PROFESSORA
E OS COLEGAS!



4
SENTAR-SE NA
CADEIRA



5
CUIDE DOS SEUS
E DOS LIVROS
DA ESCOLA



6
SER GENTIL DIZENDO
PALAVRAS EDUCADAS
POR FAVOR, OBRIGADA,
COM LICENÇA...



7
DEIXE SEU MATERIAL
SEMPRE EM ORDEM



8
Manter a
sala de Aula
organizada e
as carteiras
limpas!





ALUNO: _____ DATA: ____ / ____ / ____

NOME DO LIVRO: _____

AUTOR DO LIVRO: _____

ATIVIDADE: FAÇA UMA ILUSTRAÇÃO BEM BONITA SOBRE A HISTÓRIA LIDA.
SE QUISER, TAMBÉM PODER FAZER UM COMENTÁRIO E ESCREVER O QUE MAIS GOSTOU!